

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**PREDITORES DO DESEJO SEXUAL E EVOLUÇÃO DO DESEJO E
MOTIVAÇÕES SEXUAIS EM FUNÇÃO DA DURAÇÃO DO
RELACIONAMENTO NUMA AMOSTRA MASCULINA**

Teresa Peres Coutinho

Outubro 2014

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor *Pedro Nobre* (FPCEUP) e coorientada pela Professora Doutora *Sandra Vilarinho* (Investigadora do CPUP, FPCEUP).

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**PREDITORES DO DESEJO SEXUAL E EVOLUÇÃO DO DESEJO E
MOTIVAÇÕES SEXUAIS EM FUNÇÃO DA DURAÇÃO DO
RELACIONAMENTO NUMA AMOSTRA MASCULINA**

Teresa Peres Coutinho

Outubro 2014

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor *Pedro Nobre* (FPCEUP) e coorientada pela Professora Doutora *Sandra Vilarinho* (Investigadora do CPUP, FPCEUP).

Teresa Peres Coutinho

Presidente: Doutora Filomena Jordão

Arguente: Doutor Nuno Carneiro (Investigador e pós-Doutoramento)

Orientador/a: Doutor Pedro Nobre

Classificação: 16 valores

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Sandra Vilarinho, sapientíssima, que emana de si uma energia positiva contagiante, “contadora de histórias” no nosso “sítio fantástico”, agradeço ter caminhado comigo nesta jornada de “mão dada”. Aqueceu-me o coração sentir tanto apoio da sua parte.

Ao Professor Doutor Pedro Nobre, pela espetacular oportunidade de trabalhar na área da sexualidade, de conhecer alguns nomes proeminentes da literatura portuguesa e ainda do instituto Kinsey no âmbito da sexualidade, e de trabalhar sobre sua orientação.

A Equipa do SexLab, pela oportunidade fantástica de vos conhecer e partilharem as “vossas histórias”.

Às minhas colegas de Tese, pela entreaajuda como uma verdadeira equipa. Em especial à Diana Barreto por todo o apoio incansável. Desejo-te muita sorte e que o teu sucesso seja proporcional ao teu bom coração.

Aos meus Pais, não há palavras que agradeçam o vosso apoio incondicional. Os abraços apertados recebidos ou as palavras carinhosas ditas que me permitiam recarregar energias quando o meu desalento surgia. OBRIGADA!!

À minha Irmã e ao meu Cunhado, pelas palavras de alento quando a motivação estava escassa, pelo carinho mostrado quando a ansiedade surgia e pelo apoio emocional gigante ao longo destes anos.

Aos meus Amigos, pelo carinho, pelos abraços e pelo reconforto e principalmente pela partilha das “dores” sofridas ao longo destes anos. Vocês são inacreditáveis, sou uma sortuda.

Ao Carlos Gomes, agradeço por aturares os meus “bad mood’s” e por teres a capacidade incrível de colocares um sorriso, em mim, em frações de segundos, nesses dias. E sobretudo, pelo carinho, apoio, e segurança que me transmitem.

Ao staff do Lusco Fusco, pelo carinho diário ao longo de todo o meu percurso académico. Obrigada por me fazerem sentir em casa e entre família.

Aos participantes pela paciência para responderem a um questionário extenso e tão privado. Obrigada!

RESUMO

Embora a definição daquilo que se entende por desejo sexual não seja totalmente consensual, a literatura sobre o desejo sexual e os seus preditores tem vindo a aumentar nas últimas décadas. Contudo, quando se tenta aprofundar a componente motivacional e a sua possível relação com o desejo sexual masculino, os estudos mostram-se escassos e nem sempre claros. Por outro lado, embora um grande número de estudos aponte para uma redução do desejo sexual com o evoluir da relação, os dados nem sempre são congruentes nesta direção.

Com uma amostra de 170 homens com idades compreendidas entre os 18 e os 44 anos, heterossexuais, num relacionamento há pelo menos 3 meses e até 10 anos, conduziram-se análises de regressão múltipla hierárquicas, bem como análises univariadas e multivariadas da variância, de modo a tentar dar resposta às seguintes questões de investigação: Qual o papel das motivações para o envolvimento sexual, depois de controlado o papel de outros preditores do desejo sexual masculino? Como evolui o desejo sexual masculino com o avançar da relação? Qual a evolução das motivações para o envolvimento sexual com a duração da relação?

Os dados evidenciam a importância das motivações sexuais para o desejo sexual, em particular a atenção dada pelos homens aos aspetos excitatórios ($\beta = .21, p < .05$) e emocionais ($\beta = .20, p < .05$) das suas atividades sexuais. As pistas visuais revelam ser motivos mais importantes para o envolvimento sexual em relacionamentos numa fase inicial (entre 3 a 6 meses) comparativamente a relacionamentos mais longos.

Adicionalmente, os dados mostram que o desejo sexual masculino parece não sofrer modificações significativas ao longo dos primeiros 10 anos de relacionamento. Os resultados encontrados são discutidos à luz da literatura empírica atual e apresentam-se implicações para a prática clínica.

Palavras-chave: Desejo sexual masculino; Duração da relação; Motivação sexual; Preditores.

ABSTRACT

Sexual desire as part of the sexual response cycle has become a major research topic with an increasing number of studies published in the past decades. However, there is still no consensus regarding the concept of sexual desire.

Previous studies have supported the importance of sociodemographic variables such as age or education, relational factors such as relationship satisfaction and duration, and sexual dimensions such as sexual self-esteem and satisfaction in predicting male sexual desire. Despite this knowledge few studies have examined the association between motivations to be involved in sexual activity and sexual desire in men.

The main goal of the present study was to investigate the role of sexual motivation in predicting male sexual desire, to analyze the motivations to engage in sexual activity across different stages of relationship length, and to assess the association between relationship duration and male sexual desire.

A total of 170 heterosexual males, aged 18 -44 years old, enrolled in a romantic relationship for more than 3 months and less than 10 years, answered a list of questionnaires. The information data were entered into Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) and hierarchical multiple regression, multivariate and univariate analysis were performed.

Findings have shown the important role of sexual motivations in predicting male sexual desire, above and beyond the contribution of socio-demographic and other sexual dimensions. In particular, excitation ($\beta = .21, p < .05$) and emotional cues ($\beta = .20, p < .05$) were significant predictors of sexual desire in men.

Moreover, visual cues proved to be more important to engage in sexual activity at early stages of the relationship (between 3-6 months), compared to longer relationships. Additionally, results indicated no significant differences in male sexual desire over the first 10 years of relationship.

The results are discussed in light of current empirical literature and potential implications for clinical practice are presented.

Keywords: Male sexual desire; Relationship duration; Sexual motivation; Predictors.

RÉSUMÉ

Même si la définition du désir sexuel ne soit pas tout à fait consensuelle, la littérature sur le désir sexuel et ses prédicteurs est venue à augmenter ces dernières décennies. Toutefois, quand on essaye d'approfondir la motivation et sa possible relation avec le désir sexuel masculin, les études sont rares et sans clarté aucune la plupart du temps. D'un autre côté, même si de nombreuses études visent une réduction du désir sexuel avec l'évolution de la relation, les données ne sont pas toujours conformes à cette direction

Sur un échantillon de 170 hommes avec des âges respectifs entre 18 et 44 ans, hétérosexuels, en relation depuis au moins 3 mois et jusqu'à 10 ans, ont conduit à une analyse de régression multiple hiérarchique, bien que ces dernières soient uni-variées et multivariées, afin d'essayer de donner une réponse aux questions d'investigations : Quel est le rôle des motivations pour prendre part aux rapports sexuels, tenant en compte l'analyse faite sur le rôle des autres prédicteurs du désir sexuel masculin? Comment à évoluer le désir sexuel masculin avec le temps? Quelle est l'évolution des motivations pour l'investissement sexuel avec la durée de la relation?

Les données démontrent l'importance des motivations sexuelles pour le désir sexuel, en particulier l'attention donnée par les hommes en question d'excitation ($\beta = .21, p < .05$) et d'émotions ($\beta = .20, p < .05$) de son activité sexuel.

Les pistes visuelles révèlent être des motifs de nature plus importante pour l'investissement sexuel en début de relation (entre 3 à 6 mois) comparé aux relations plus longues. e plus, les données illustrent que le désir sexuel masculin paraît ne pas être atteint de modifications significatives durant les 10 premières années de relation. les résultats trouvés sont traités à la lumière de la littérature empirique actuelle et suggèrent des implications pour la pratique clinique.

Mots clés : désir sexuel masculin; Durée de la relation; motivation sexuel; predicteurs

SIGLAS E ABREVIATURAS

% – percentagem

β – Valor de Beta

CSDS-P – *Cues for Sexual Desire Scale – Portuguese Version*

cf. – Conferir, *do latim confer*

DP – Desvio-padrão

e.g. – por exemplo

et al. – e outros colaboradores

F – *F Statistics* ou *F-ratio*

GMREL- *Medida Global de satisfação com a relação*

GMSEX- *Medida Global de satisfação sexual*

IIEF- *Índice Internacional de Funcionamento Erétil*

M – Média

Max – Valor máximo da amplitude dos valores

Min – Valor mínimo da amplitude dos valores

n – Número de sujeitos

ns – não significativo

p – Nível de significância estatística (*p value*)

QAS- *Questionário sobre atividade sexual*

r – Valor da correlação

R² Ajustado – Coeficiente de determinação ajustado

INTRODUÇÃO	1
PARTE 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. Desejo Sexual	4
1.1. Definição Conceptual	4
2. Variáveis preditoras do desejo sexual masculino	5
2.1. Variáveis demográficas	5
2.1.1. Idade	5
2.1.2. Estado civil	6
2.1.3. Habilitações literárias	6
2.2. Variáveis frequentemente descritas pela literatura	6
2.2.1. Satisfação na relação	6
2.2.2. Autoestima sexual	7
2.2.3. Satisfação sexual	8
3. Duração do relacionamento	8
4. Motivação	9
4.1. Motivação sexual	9
4.2. Pistas para o envolvimento sexual nos homens	10
PARTE 2- ESTUDO EMPÍRICO	11
5. Método	12
5.1. Participantes	13
5.2. Procedimentos	14
5.2.1. Recolha de dados	14
5.3. Instrumentos	14
5.3.1. Questionário sociodemográfico	14
5.3.2. Medida global de satisfação com a relação	15
5.3.3. Questionário sobre atividade sexual	15
5.3.4. Subescala de autoestima sexual	15
5.3.5. <i>Cues for sexual desire- Portuguese version</i>	16
5.3.6. Medida global de satisfação com a relação	17
5.3.7. Índice internacional de função erétil	17
6. Resultados	19
6.1. Desejo sexual e variáveis preditoras	19
7. Discussão	23
8. Conclusões finais	28
REFERÊNCIAS	29
ANEXOS	40
Anexo 1- Parecer Comissão de Ética	41
Anexo 2- Consentimento Informado	43
Anexo 3- Protocolo de Avaliação usado <i>online</i>	45

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1.	Principais características demográficas da amostra por quotas (n = 170)	13
Tabela 2.	Preditores do Desejo Sexual Masculino (n = 170): Análise de Regressão Múltipla Hierárquica	20
Tabela 3.	Desejo Sexual em Função da Duração do Relacionamento: Análises Univariadas da Variância	21
Tabela 4. -	Pistas para o Envolvimento Sexual em Função da Duração do Relacionamento: Análises Multivariadas da Variância	22

INTRODUÇÃO

Pela sua natureza, o desejo sexual é um tema que desperta interesse de estudo desde há muitas gerações. Regan e Atkins (2006) afirmam que “poetas, dramaturgos, e outros artistas há muito que dão a sua atenção ao desejo sexual, encarando-o como uma força poderosa, subentendida, nas mais diversas formas de amor”(p.95). Verhulst e Heiman (1979) concluem que o desejo sexual resulta de uma experiência de atração e interesse face a um indivíduo considerado como sexualmente desejável. Por sua vez, Leiblum e Rosen (1988) referem que o desejo sexual pode ser definido como um estado ou sentimento subjetivo despoletado por estímulos internos ou externos, e que pode resultar, ou não, em comportamento sexual. O desejo sexual pode ainda ser entendido como um conceito que traduz um interesse psicológico por relações sexuais cuja manutenção depende da natureza dos incentivos sexuais esperados, como é o caso da obtenção de prazer ou criação de laços afetivos (Pfaus & Scepkowski, 2005).

Por outro lado, os níveis do desejo sexual não são uniformes, nem padronizados havendo divergência entre sexos, entre idades, entre pessoas com mais ou menos qualificações, com maior ou menor autoestima sexual, com relacionamento e relações sexuais mais ou menos satisfatórios, entre outras variáveis que a literatura descreve como tendo um papel relevante nos níveis de desejo sexual. No desejo sexual masculino, uma das variáveis que tem sido igualmente apontada como determinante é duração do relacionamento, sendo que a maioria dos estudos sugere uma redução nos níveis de desejo sexual com o aumento da duração da relação. Quando se percorre a literatura empírica, constata-se a escassez de estudos que analisem a importância das motivações sexuais para o desejo sexual ou que aprofundem a componente motivacional do desejo sexual (Levine 1988, 2002, 2003).

Neste contexto, surgiu a motivação para realizar o presente estudo, pretendendo-se através dele perceber em que medida o desejo e as pistas para o envolvimento sexual variam em função da duração do relacionamento, e qual o contributo específico das pistas para o envolvimento sexual na determinação do desejo sexual depois de analisado o papel das variáveis demográficas e o papel das variáveis frequentemente apontadas como determinantes pela literatura.

A presente tese encontra-se dividida em duas partes, sendo que a primeira parte descreve o desejo sexual, a importância dos fatores demográficos e alguns dos preditores

frequentemente apontados na literatura como importantes para os níveis de desejo sexual masculino, bem como o papel da duração da relação na evolução do desejo. São ainda abordadas as principais motivações para o envolvimento sexual no sexo masculino.

Na segunda parte são apresentados os aspetos metodológicos deste trabalho, descritos e discutidos os resultados encontrados, apresentadas algumas limitações e referidas as principais conclusões.

PARTE 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.Desejo sexual

1.1. Definição conceptual

Desde há várias décadas que o conceito de desejo sexual tem suscitado interesse, sendo crescente o número de estudos que incidem sobre o mesmo. Já em 1905, Freud defendia que todo o comportamento humano era motivado por “drives” ou instintos, tendo o ser humano como um dos principais instintos, o de perpetuar a vida do homem (“sex drive” ou líbido).

Por outro lado, o desejo sexual nem sempre foi integrado no ciclo de resposta sexual (Masters & Johnson, 1966) sendo o ciclo de resposta inicialmente concebido dividido em quatro fases consecutivas: excitação (manifestações físicas e fisiológicas), plateau (intensidade da excitação atinge o seu ponto máximo), orgasmo (clímax sexual), e por fim, a fase da resolução (reposição das modificações fisiológicas resultantes das anteriores fases). Só alguns anos mais tarde o desejo foi integrado no ciclo de resposta sexual proposto por Kaplan (1979) que referiu que a resposta sexual humana é um processo trifásico, tendo início no desejo, passando pela fase da excitação e terminando no orgasmo. Segundo esta autora, o desejo sexual seria entendido como um conjunto de sensações produzidas pela ativação de um sistema neuronal específico que, quando ativado, desperta então a sensibilidade genital que leva a um maior interesse em atividade sexual, e a uma maior recetividade à mesma, sendo que a dita recetividade sexual dissipa-se após a satisfação sexual, isto é, o orgasmo.

Mais recentemente, Regan e Berscheid (1999) referem-se ao conceito de desejo sexual como um estado psicológico que é subjetivamente experienciado pelo indivíduo como uma consciência de que as pessoas querem ou desejam atingir um objetivo sexual que atualmente é inatingível (Regan & Berscheid, 1999). Segundo Regan (2000), o desejo sexual representa a componente motivacional da expressão sexual e está ligada a sentimentos de amor romântico. Já Levine (1988, 2002,2003) considerou o desejo sexual como a soma das forças que inclina o indivíduo em direção ao comportamento sexual contendo os elementos biológicos, psicológicos e culturais, que se organizam como dilemas, paradoxos ou conflitos. O desejo sexual é assim conceptualizado como integrando o impulso sexual, manifestado por uma resposta de excitação fisiológica espontânea e endógena, pautada no homem por tumescência peniana, assim como, fantasias e sonhos eróticos, e procura de atividade sexual ou masturbação, resultando na componente biológica do desejo; o desejo integra ainda a vontade sexual que se refere à componente

contextual, fazendo alusão às normas e valores culturais às quais o sujeito recorre para iniciar um comportamento sexual; por fim, o desejo integra a motivação sexual que é apresentada como a componente psicológica que melhor prediz a presença ou ausência do desejo sexual e que é influenciada pelo estado mental do indivíduo, pelos fatores interpessoais e pelo seu contexto social (Levine, 1987, 2003).

A multiplicidade de definições quanto ao que se entende como desejo sexual atesta bem a complexidade do conceito bem como a ausência de consenso relativamente ao mesmo.

2. Variáveis Preditores do Desejo Sexual Masculino

2.1. Variáveis demográficas.

Desde os anos 90 que as variáveis demográficas são apontadas como importantes preditores do desejo sexual masculino (Diokno, Brown & Herzog, 1990; Laumann, Paik & Rosen, 1999; Levine, 2003). De entre os determinantes demográficos, os estudos têm sublinhado de modo particular o papel da idade, do estado civil e do nível de escolaridade.

2.1.1. Idade

São diversos os estudos que abordam a idade e o seu impacto no desejo sexual (Araújo, Mohr & Makinlay, 2004; Beutel, Schumacher, Weidner & Brähler, 2002; Dennerstein & Leher, 2004; Hayes & Dennerstein, 2005; Laumann, Nicolosi, Glasser, Paik, et al., 2005; Lindau, Schumm, Laumann, Levinson et al., 2007), encontrando-se diversos resultados que apontam para um decréscimo nos níveis de desejo sexual sentido pelo homem com o avançar a idade (Byers & Heilein, 1989; Chao, Lin, Ma, Lai, et al., 2011; Klusmann, 2002; Laumann, Paik & Rosen, 1999; Levine, 2003; Mercer, Fenton, Johnson, Wellings, et al., 2003; Santos & Marques, 2001; Trudel 2002).

No entanto, Manocci (1998), Delamater e Still (2005) defendem que o que resulta em alterações nos níveis de desejo, eventualmente, são doenças ou alterações orgânicas que podem ocorrer e que são inerentes ao avançar da idade. De modo semelhante, Santos e Marques (2001, citado por Dias, 2009, p.23) afirmam que “à medida que o envelhecimento progride, a quantidade de atividade sexual tende a diminuir e ocorrem modificações na resposta sexual, mas o interesse e aptidões para o desempenho sexual permanecem”.

Deste modo, embora a idade seja apontada como um preditor do interesse sexual, o efeito direto da mesma nos níveis de desejo sexual não parece ser tão consensual (Byers & Meilein, 1989; Carvalho & Nobre, 2010; Chao, Lin, Ma, Lai, et al., 2011; Delamater & Still, 2005; Laumann, Paik & Rosen, 1999; Levine, 2003; Santos & Marques, 2001).

2.1.2. Estado civil

O estado civil tem também mostrado poder influenciar o desejo sexual. Alguns estudos sugerem que ambos os sexos, quando casados, apresentam menos problemas ao nível do desejo sexual quando comparados com solteiros e divorciados (Laumann et al., 1999; Oksuz & Malhan, 2006; Rosen et al., 1993).

Após uma exaustiva procura literária encontramos que Quinta-Gomes e Nobre (2014), no seu estudo, não encontraram nenhuma associação entre o estado civil e as disfunções sexuais masculinas (eg., dificuldades de ereção; dificuldades orgásticas; baixo desejo sexual; ejaculação rápida).

2.1.3. Habilitações literárias

A literatura parece ainda sugerir diferenças significativas ao nível do desejo sexual relacionadas com as habilitações literárias. O nível educacional tem também mostrado estar fortemente associado ao desejo sexual problemático sendo que homens menos instruídos, em comparação com homens mais instruídos, apresentam maior frequência de problemas de desejo sexual (Rosen, Taylor, Leiblum & Bachman, 1993).

No estudo levado a cabo por DeLamater e Sill (2005), referente a população com mais idade, verificou-se que os níveis de educação predizem significativamente o desejo sexual masculino. Os resultados mostraram que quanto mais instruídos os homens, mais elevado o seu nível de desejo sexual, sugerindo que a elevada instrução poderá ajudar a diminuir os estereótipos negativos associados à diminuição da expressão sexual nos mais idosos.

2.2. Variáveis frequentemente descritas pela literatura

2.2.1. Satisfação na relação

A satisfação relacional é um constructo complexo e que tem vindo a despertar interesse desde há vários anos (e.g., Rust, Golombok & Collier, 1988). Devido às inúmeras variáveis implícitas, nomeadamente, as características de personalidade do casal, as experiências que cada um traz das suas famílias de origem, bem como a forma como se

constrói o relacionamento a dois (Wagner & Falcke, 2001), vários autores têm-se dedicado a estudar a importância e riqueza dos relacionamentos (Brown, 2003; Smock, 2000; Tai, Baxter & Hewitt, 2014; Wiik, Bernhardt & Noack, 2009).

Alguns estudos têm também sido dedicados a tentar perceber a relação entre a satisfação com o relacionamento e o interesse sexual, sendo que os resultados sugerem estreita interligação entre ambos (Apt, Hurlbert, Pierce & White, 1996; Bridges & Hornes, 2007; Davies & Jackson, 1999; Donnelly, 1993; Morokoff & Gilliland, 1993). Num estudo levado a cabo por Apt, Hurlbert, Pierce e White (1996) o desejo sexual foi significativamente mais baixo no grupo de indivíduos que mostraram maiores níveis de insatisfação com o seu relacionamento. De modo semelhante, Brezsnayk e Whisman (2004) encontraram também forte associação entre satisfação com a relação e desejo sexual, sendo que quanto mais baixa a satisfação, mais reduzido o desejo. Tai, Baxter & Hewitt, 2014 verificaram que, nos homens, o desejo de uma maior frequência de atividade sexual, assim como a satisfação sexual estavam significativamente associados à satisfação com a relação.

De acordo com Verhulst e Heiman (1988), se a qualidade da relação pode afetar os níveis de desejo sexual do indivíduo, o inverso também é verdadeiro, ou seja, tanto a baixa satisfação com a relação pode reduzir a motivação para se envolver na intimidade sexual, como a falta de desejo sexual, com a continuação do tempo, pode levar à insatisfação com a relação. Também neste sentido, Smith et al., (2012) verificaram que os homens que estão menos satisfeitos com a frequência da sua atividade sexual tendem também a estar menos satisfeitos com a sua relação.

2.2.2. Autoestima sexual

O constructo autoestima sexual surge como sendo a visão positiva e a confiança do indivíduo em relação à sua capacidade para experienciar a sua sexualidade de modo satisfatório ou ainda como a tendência disposicional para se dedicar ao reforço interno inespecífico de si mesmo, em virtude da sua capacidade de se relacionar sexualmente com outra pessoa (Snell, 1989). Embora se trate de um conceito “relativamente recente” (James, 2011, p.220) e a literatura não apresente ainda muitos dados relativos à sua capacidade preditiva sobre o desejo sexual (Kontula & Haavio-Mannila, 2009), é de esperar que esteja intimamente associada ao desejo uma vez que se reconhece a autoestima como “a tendência para valorizar versus desvalorizar a sua própria sexualidade, sendo assim capaz

de se envolver mais frequentemente do que evitar experiências sexuais, tanto consigo próprio como com os outros” (Gaynor & Underwood, 1995, p.334). No estudo realizado por Kontula e Haavio-Mannila (2009), cujo principal objetivo era o de avaliar em que medida o envelhecimento poderia afetar a autoestima sexual e o desejo sexual, os resultados mostraram que uma autoestima sexual positiva, juntamente com outras variáveis, constituía um bom preditor do desejo sexual, quer nos homens, quer nas mulheres entre os 45 e os 74 anos.

2.2.3. Satisfação sexual

A literatura aponta ainda como forte preditor do desejo sexual a satisfação sexual tanto no homem como na mulher (Bridges & Horne, 2007; Chao, et al., 2011; Davies & Jackson, 1999; Murray & Milhausen, 2012), sendo a satisfação sexual entendida como “uma resposta afetiva decorrente da avaliação subjetiva das dimensões positivas e negativas associadas com o próprio relacionamento sexual” (Sánchez-Fuentes, Santos-Iglesias & Sierra, 2014, p.268).

Chao et al., (2011), verificaram no seu estudo que os homens que mais descrevem os seus níveis de desejo sexual como elevados, são também os que referem níveis mais elevados de satisfação sexual.

3. Duração do Relacionamento

Diversos autores sugerem que o aumento da duração da relação pode afetar negativamente o modo como o desejo pode ser experimentado (Araújo, Mohr & Mackinley, 2004; Byers & Heilein, 1989; Carvalho & Nobre 2011; Levine, 2003;; Lindau et al., 2007; Sánchez-Fuentes et al., 2014; Smith, Scaife, Boer, Caian, et al., 2012; Rainer & Smith, 2012; Klusmann, 2002). Byers e Heilein (1989) verificaram que a atividade sexual entre dois parceiros é tanto maior quanto menor for a duração do relacionamento em que se encontram. Na mesma direção Levine (2003) refere que no início de uma relação, este é frequentemente mais elevado devido à maior necessidade de se ter contato íntimo com o parceiro.

Apesar de uma grande parte dos estudos apontar para um decréscimo nos níveis de desejo sexual com o aumento da duração do relacionamento, Kontula e Haavia-Mannila (2009) referem que os homens em longas relações avaliam a sua relação sexual como sendo pelo menos tão agradável e com orgasmos tão frequentes como os homens que se

encontram em relações de curta duração. Murray e Milhausen (2012), no estudo realizado com 170 jovens do sexo masculino e feminino, constataram que o desejo sexual não é afetado com a duração do relacionamento mantendo-se estável com o avançar da mesma no sexo masculino, ao contrário do que parece acontecer com as mulheres (decréscimo no desejo com o avançar da relação).

Além da duração, a estabilidade da relação que lhe poderá estar associada, parece também ser importante nos níveis de desejo sexual (Curtis, Eddy, Ashdown, Feder & Lower, 2012; Laumann, Gagnon, Michael, et al., 1994). Nalguns casos, a maior estabilidade poderá contribuir para uma diminuição do desejo. A este respeito, por exemplo, Kontula e Haavio-Mannila (2009) propõem que “algumas pessoas podem ter as suas relações sexuais e emocionais como garantidas e tornarem-se preguiçosas não dando assim atenção às suas atividades sexuais” (Kontula & Haavio-Mannila, 2009,p.41).

4. Motivação

Motivação, por si só, traduz-se num “impulso que dá propósito ou direção (...) opera a nível consciente ou inconsciente (...) também é importante distinguir forças motivadores internas ou externas, como as recompensas ou punições, que podem estimular ou desencorajar certos comportamentos” (APA, p. 594).

4.1. Motivação sexual

A motivação sexual pode ser entendida como um estado de acrescido interesse para um objetivo específico (Hill & Preston, 1996), encontrando-se intimamente associada ao comportamento sexual e à experiência de satisfação (Hill & Preston, 1996). Levine (1988) conceptualiza a motivação sexual como uma das partes integrantes do desejo sexual, considerando-a como a mais importante das três componentes do desejo sexual. Segundo Levine (1988, 2003), a motivação sexual ocorre na presença de um ou mais dos seguintes antecedentes: impulso, decisão para ser sexual, comportamento interpessoal, experiência voyeuristas e/ou atração. Por sua vez, para Regan (2000), o desejo sexual representa a componente motivacional da expressão sexual. Deste modo, parece existir uma relação direta da motivação sexual com o desejo sexual (Levine, 2002, 2003) sendo que os níveis de desejo sexual podem estar correlacionados com os motivos sexuais que levam a uma ativação ou inibição do comportamento sexual (Hill & Preston, 1996).

4.2. Pistas para o envolvimento sexual nos homens

Segundo Basson (2005), a motivação sexual feminina é altamente relacional e complexa, sendo que o desejo de intimidade se encontra entre os motivos mais frequentes para o envolvimento sexual. No que respeita à motivação masculina, os estudos parecem ser menos consistentes e sugerir diversas razões para o envolvimento sexual, referem que os principais motivos pelo qual os homens se envolvem em relações sexuais estão aliados a aspetos do encontro sexual, assim como o desejo de obter prazer, a excitação, e a atração física da potencial parceira

Sprague e Quadagno (1989) verificaram no seu estudo que as mulheres entre os 35-40 anos envolvem-se em relações sexuais com intenção de procurar e dar amor; no entanto, com o avançar dos anos a situação reverte-se sendo que após os 46 anos e até os 57 anos os homens parecem envolver-se mais nas atividades sexuais pelo sentimento que o sexo oposto. Este estudo parece sugerir uma evolução nas motivações para o envolvimento sexual com a idade no sexo masculino.

Leigh (1989), afirma ainda no seu estudo que a média de homens, heterossexuais, que se envolvem sexualmente como forma de obter prazer, é maior que a média de mulheres. Hill e Preston (1996) corroboram este estudo referindo que o principal motivo que leva o sexo masculino a envolver-se sexualmente é a obtenção de prazer. Leigh (1989) aponta ainda como motivo aliviar a tensão sexual, que coaduna com o estudo de Browning (2004) posteriormente. Leigh (1989) acrescenta ainda que pela razão de conquista a média do homem continua superior à das mulheres.

Browning (2004) acrescenta ainda como motivos para os homens se envolverem sexualmente o estatuto e reconhecimento, a auto-afirmação e por motivos financeiros confirmados posteriormente por Meston e Buss (2007), estes últimos autores apontam ainda que os homens se envolvem por procura de experiência e variedade sexual, para atingir determinado objetivo, por rebelião e finalmente pela aparência apelativa da companheira.

Noutra direção surgem as mulheres apontadas por Leigh (1989) e Browning (2004) por se envolverem sexualmente apontam por compromisso e amor.

No entanto, prevalecem mínimos os estudos que se debruçam sobre as motivações para o envolvimento sexual numa amostra masculina e ainda são menores o número de estudos que os relacionam ao desejo sexual, bem como, o efeito da duração da relação nas motivações.

PARTE 2 – ESTUDO EMPÍRICO

5. MÉTODO

A literatura revela-se abundante em estudos sobre o desejo sexual masculino e seus preditores (Brezsnyak & Whisman, 2004; Byers, 2005; Carvalheira, Brotto & Leal, 2010; Carvalho & Nobre, 2010; Dobkin, Leiblum, Rosen, Menza, et al., 2006). No entanto, quando se tenta melhor compreender a componente motivacional do desejo, os estudos mostram-se mais escassos. Além disso, a literatura tem vindo a sugerir a importância da duração do relacionamento embora os dados nem sempre sejam consistentes quanto ao seu papel na evolução quer do desejo quer das motivações para o envolvimento sexual (Levine, 2003; Rainer & Smith, 2012; Klusmann, 2002; Kontula e Haavia-Mannila, 2009). Sendo a motivação parte integrante do desejo sexual (Levine 1988, 2002, 2003; Regan, 2000) considera-se fundamental perceber a sua pertinência e o seu peso relativo quando se consideram simultaneamente outros preditores do desejo sexual como as variáveis sociodemográficas (idade, estado civil, habilitações literárias) e outras variáveis frequentemente apontados pela literatura, nomeadamente a autoestima sexual, a satisfação sexual, a satisfação com a relação e a duração da relação.

Por outro lado, com este estudo pretende-se também conhecer a evolução das motivações para o envolvimento sexual e do desejo sexual masculino à medida que a duração do relacionamento aumenta.

Assim surge-nos as seguintes hipóteses:

1ª Hipótese: Esperamos que as variáveis sociodemográficas, especificamente a idade, estado civil, e nível de escolaridade, constituam preditores significativos dos níveis de desejo sexual masculino.

2ª Hipótese: Esperamos que a duração e qualidade da relação, a autoestima sexual, e a satisfação sexual, variáveis frequentemente descritas pela literatura como determinantes do desejo sexual, sejam preditores significativos do desejo sexual masculino, depois de controlado o papel das variáveis demográficas.

3ª Hipótese: Esperamos que as motivações para o envolvimento sexual constituam preditores significativos do desejo sexual nos homens, depois de controlado o papel das variáveis demográficas e das variáveis frequentemente descritas pela literatura como determinantes do desejo sexual.

4ª Hipótese: Esperamos encontrar uma diminuição dos níveis de desejo sexual masculino com o aumento da duração do relacionamento.

5ª Hipótese: Esperamos encontrar diferenças na frequência das motivações para o envolvimento sexual masculino em função da duração do relacionamento.

5.1. Participantes

Para o estudo, foi solicitada a participação de homens que estivessem numa relação há pelo menos três meses e que tivessem mais de 18 anos. Contamos assim com a participação de 170 homens portugueses com idades compreendidas entre os 18 e os 44 anos num relacionamento heterossexual por um período mínimo de 3 meses e no máximo 10 anos. Para efeito de análise estatística decidimos ainda agrupar os inquiridos em função da duração do seu relacionamento (grupos: 3 a 6 meses; 7 meses a 1 ano; 1 a 3 anos; 3 a 5 anos; 5 a 10 anos) à semelhança do que foi realizado no estudo levado a cabo por Carvalheira, Brotto e Maroco (2011), onde validaram a versão portuguesa da *Cues for Sexual Desire Scale (CSDS- P)* tendo em conta a influência da duração do relacionamento, numa amostra feminina. Os principais dados sociodemográficos da amostra encontram-se no Tabela 1.

Tabela 1

Principais características demográficas da amostra por quotas (n = 170)

	Grupo 1 (3 meses – 6 meses) N = 34		Grupo 2 (7 meses – 1 ano) N = 25		Grupo 3 (1 – 3 anos) N = 49		Grupo 4 (3 – 5 anos) N = 32		Grupo 5 (5 – 10 anos) N = 30		Total N = 170	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Idade												
<i>M</i>	22.65		23.60		23.90		23.94		27.07		24.17	
<i>DP</i>	3.80		3.94		4.26		4.30		6.02		4.67	
(<i>Min-Máx</i>)	18-37		19-36		18-43		19-42		19-44		18-44	
Hab. Literárias												
Até 12º Ano	16	47.1	8	32.0	17	34.7	14	43.8	9	30.0	64	37.6
Licenciatura	14	41.2	10	40.0	22	44.9	16	50.0	14	46.7	76	44.7
Mestrado e PhD	4	11.8	7	28.0	10	20.4	2	6.3	7	23.3	30	17.7
Estado Civil												
Solteiro	33	97.1	25	100	48	98.0	28	87.5	21	70.0	155	91.2
Casado /União Facto	1	2.9	0	0	0	0	4	12.5	8	26.7	13	7.6
Divorciado	0	0	0	0	1	2.0	0	0	1	3.3	2	1.2

5.2. Procedimentos

5.2.1. Recolha de dados

A amostra foi conseguida através da partilha pela Internet do estudo construído no software de questionários online, *Limesurvey*, assim determinado por se tratar de um serviço de inquéritos da Universidade do Porto. Através da divulgação deste estudo foi possível aceder a um conjunto diversificado de associações, blogs, redes sociais, e foram ainda enviados e-mails para as faculdades da Universidade do Porto solicitando a sua resposta ao estudo, sendo possível responder ao mesmo através do link: <http://www.fpce.up.pt/limesurvey/index.php?sid=76676&lang=pt> .

Através deste link surgia primeiramente um consentimento informado, onde se esclareciam as condições de participação, e em caso de concordância, seguia-se então o estudo, sendo assegurada a confidencialidade dos participantes.

Adicionalmente, era dado o *e-mail* da investigadora principal para esclarecer eventuais dúvidas, ou mesmo para enviar feedback relativo ao estudo.

O estudo *online* iniciou-se em Fevereiro de 2014 e deu-se como terminado em Julho, perfazendo um total de 5 meses.

A análise dos dados qualitativos foi realizada com recurso ao programa *IBM SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)* para Windows, versão 21, que permitiu transformar os dados obtidos dos questionários.

Por fim, o presente estudo teve ainda a aprovação da Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

5.3. Instrumentos

De forma a verificar as hipóteses colocadas, foi usada uma bateria de questionários, no sentido de avaliar os dados sociodemográficos dos participantes, questões sobre o relacionamento, sobre comportamentos sexuais ou ainda sobre motivações e sobre desejo sexual, bem como, sobre a satisfação sexual masculina.

5.3.1. Questionário Sociodemográfico (QSD; Vilarinho & Nobre, 2006)

Foram usadas algumas questões do Questionário Sociodemográfico (*QSD*; Vilarinho & Nobre, 2006), permitindo avaliar a idade, as habilitações literárias, o estado civil, e a duração da relação. O *QSD* é composto por questões de resposta curta ou de alternativas.

5.3.2. *Medida Global de Satisfação com a Relação (GMREL; Lawrance & Byers, 1998; tradução e adaptação de Pascoal & Narciso, 2006)*

Por sua vez, a Medida Global de Satisfação com a Relação (*GMREL*; Lawrance & Byers, 1998; tradução e adaptação de Pascoal & Narciso, 2006) foi usada para avaliar a satisfação com o relacionamento geral. Utiliza uma escala do tipo Likert de sete pontos. Byers e seus colegas (Byers & MacNeil, 2006; Lawrance & Byers, 1998) forneceram evidências de que a *GMREL* é significativamente correlacionada com outras medidas de satisfação com o relacionamento e tem alta consistência interna e confiabilidade teste-reteste. Traduzida para português e adaptada por Pascoal & Narciso (2006), mostrando também consistência interna e confiabilidade. No estudo preliminar foram encontrados bons níveis de consistência interna para esta medida, com um *alfa* de Cronbach de .97. Os valores do coeficiente de Pearson no teste-reteste ($n = 40$) com um intervalo de 3 semanas entre as duas administrações, mostram-se significativos e adequados ($r = .66, p < .001$), assegurando também a estabilidade temporal da *GMREL*.

5.3.3. *Questionário sobre Atividade Sexual (QAS; adaptado por Vilarinho & Nobre, 2006)*

O *QAS* permite avaliar a frequência da atividade sexual e satisfação com a mesma, permite ainda tomar conhecimento sobre o número de parceiros do inquirido, se houve presença de experiências sexuais não desejadas, se há recurso a atividades auxiliares na atividade sexual, quais as fantasias sexuais ou pensamentos acerca do sexo, qual o contexto da atividade sexual e quais as preocupações durante a atividade sexual, sendo o *QAS* atual adaptado por Vilarinho & Nobre (2006).

5.3.4. *Subescala Autoestima Sexual (Snell, 1989; tradução e adaptação por Pascoal, Narciso, Nobre, & Vilarinho, 2006)*

A escala inicial era constituída por três grupos de acordo com as definições de estima sexual, da depressão sexual, e da preocupação sexual. Snell (1989), reduziu o conjunto inicial de produto para um conjunto de dez itens para cada grupo. Para cada item, os participantes foram convidados a indicar o quanto eles concordavam ou discordavam com essa afirmação. A escala de Likert de 5 pontos foi utilizada para recolher dados sobre as respostas dos sujeitos, sendo cada item pontuado de 2 a -2: Concordo (+2), concordo

ligeiramente (+1), nem concordo ou discordo (0), discordo ligeiramente (-1), discordo (-2). Sendo depois somados. Pontuações positivas mais elevadas correspondiam a uma maior concordância com as declarações, e pontuações mais negativas indicaram maior desacordo com as declarações. Os dez itens da autoestima sexual obtiveram um coeficiente de média. 69. Os alfas para a escala da autoestima sexual foi .92 para as mulheres, .93 para homens. O presente estudo apenas avalia a auto estima sexual dos homens, tendo presente apenas essa subescala, sendo a esta escala adaptada e traduzida para o português em 2006, por Pascoal, Narciso, Nobre, & Vilarinho. A validade discriminante da subescala de autoestima sexual foi estabelecida em relação à dimensão Hostilidade do BSI (Derogatis, 1982). A validade discriminante da subescala de autoestima sexual foi estabelecida em relação à dimensão Hostilidade do *BSI* (Derogatis, 1982), sendo de prever a independência das medidas. O valor obtido ($r = -.09$; $p = .24$) demonstra que a *subescala de autoestima sexual* não mede conceitos que é suposto não estarem relacionados com a autoestima sexual, revelando-se também abonatório da validade de constructo da subescala.

5.3.5. *Cues for Sexual Desire Scale (CSDS-P; McCall & Meston, 2006; tradução e adaptação de Carvalheira, Brotto & Maroco, 2011)*

O *CSDS-P* traduzido e adaptado para português (Carvalheira et al., 2011) é composto por 40 itens, cada um com possibilidade de resposta numa escala de 5 pontos (1 – Nada provável a 5 – Extremamente provável). Subentendido nesses 40 itens tem quatro fatores: tendo pistas visuais/proximidade (8 itens), pistas de ligação emocional (10 itens), pistas românticas/implícitas (10 itens), pistas de excitação/explicitas (5 itens) e pistas sensoriais/explicitas (5 itens). Os 40 itens avaliam a probabilidade de fazer o inquirido desejar ter a atividade sexual. As respostas são apresentadas mediante uma escala do tipo Likert com 5 pontos: Nada provável (1), pouco provável (2), Pouco provável (3), Muito provavelmente (4), e Extremamente provável (5). O *CSDS* demonstrou boa confiabilidade (alpha de Cronbach = 0,78-0,93) e validade. O *CSDS* foi traduzido para português e adaptado por Carvalheira, Brotto & Maroco (2011). Estes mostraram uma boa confiabilidade, sendo o alfa de Cronbach de .91.

5.3.6. *Medida Global da Satisfação Sexual (GMSEX; Lawrance and Byers, 1995; tradução e adaptação por Pascoal e Narciso, 2006)*

A medida global de satisfação sexual, isto é, a *Global Measure of Sexual Satisfaction (GMSEX, Lawrance and Byers, 1995)*, avalia a satisfação sexual através da apreciação subjetiva que cada pessoa faz da sua relação sexual atual com o seu companheiro/a através de cinco itens que adjetivam a relação, numa escala de Likert de 7 pontos. Nos estudos originais, este instrumento demonstrou ter boa consistência interna com um alfa de Cronbach de .90 (Lawrance & Byers, 1995). A fiabilidade temporal no estudo original foi estudada com intervalos de aplicação de 2 semanas e 3 meses, e apresentou índice de correlação de $r = .84$ entre as duas primeiras aplicações, e $r = .7$ entre a segunda e terceira aplicação (Lawrance & Byers, 1995). Num estudo com uma amostra de 500 mulheres portuguesas, o GMSEX revelou um alfa de Cronbach de .98, garantindo a consistência interna da medida. Verificou-se, num estudo português (Vilarinho, 2010) que a fiabilidade temporal, tendo esta um intervalo de 3 semanas entre as duas administrações de questionários, obteve com um valor de correlação entre teste-reteste de $r = .85$ (Vilarinho, 2010). Esta escala foi traduzida e adaptada para português por Pascoal e Narciso (2006).

5.3.7. *Índice Internacional de Função Erétil (IIEF; Rosen et al., 1997; tradução e adaptação de Nobre, 2008; Quinta-Gomes & Nobre, 2012)*

O IIEF construído por Rosen et al, (1997) é um questionário de 19 itens que avalia o funcionamento sexual masculino de acordo com cinco dimensões, sendo elas, a função erétil, função orgástica, desejo sexual, a satisfação com a relação sexual, e por fim a satisfação em geral e permite aceder a um índice total do funcionamento sexual e ainda calcular índices específicos para dimensões como função erétil (item 1 a 5 e a 15), satisfação com a relação sexual (item 5 a 8), orgasmo (item 9 e 10), desejo sexual (item 11 e 12), satisfação sexual (item 13 e 14). As pontuações de cada dimensão são calculadas através da soma das pontuações dos itens individuais dessa dimensão. Essas pontuações variam entre 0 e 5 ou 1 e 5, podendo os máximos de cada dimensão atingir 10 (orgasmo, função sexual e satisfação sexual), 15 (satisfação com a relação sexual), e 30 (função erétil). Os estudos psicométricos indicam que tem uma boa consistência interna (alfa de Cronbach = .73), estabilidade temporal (teste-reteste de $r = .64$, $r = .84$) e validade. Em 2008 esta escala foi validada por Nobre, onde mostrou boas propriedades psicométricas

onde a escala do desejo sexual (utilizada para avaliar a variável desejo sexual neste estudo) apresentou um alfa de Cronbach de .71. A versão portuguesa foi novamente validada por Quinta-Gomes e Nobre (2012), mostrando novamente valores adequados de consistência interna, valores e alfa de Cronbach entre .72 e .86 e de fidelidade teste-reteste (desde $r = .14$ a $r = .90$) para as cinco subescalas, sendo que a escala de desejo sexual apresentou um alfa de Cronbach de .14.

6. RESULTADOS

6.1. Desejo sexual e variáveis predictoras

Para analisar os preditores do desejo sexual masculino foram realizadas regressões múltiplas hierárquicas, utilizando o método *Enter*. Especificamente, pretendeu-se avaliar o contributo adicional das motivações para o envolvimento sexual no desejo masculino, depois de controlar sucessivamente o efeito das variáveis demográficas, e o efeito de variáveis frequentemente descritas pela literatura como determinantes para o desejo sexual, como sejam as variáveis relacionais, a satisfação sexual e a autoestima sexual.

Como variável critério selecionou-se o desejo sexual avaliado através de uma dimensão do *IIEF*. Como variáveis independentes, primeiramente foram incluídas no modelo as variáveis demográficas idade, habilitações literárias e estado civil, estas duas últimas após transformadas em *dummy*¹. De seguida, introduziram-se as variáveis independentes mais descritas na literatura como preditivas do desejo sexual (a autoestima sexual, avaliada pela subescala da autoestima sexual, a satisfação com a relação, avaliada através da *GMREL*, a satisfação sexual, avaliada através da *GMSEX*, e a duração da relação). Por fim, num terceiro passo, foram ainda incluídas como variáveis independentes as quatro pistas para o envolvimento sexual da *CSDS-P*: pistas visuais, pistas de excitação, pistas emocionais e pistas sensoriais.

O modelo correspondente ao primeiro passo (variáveis demográficas como preditores) não se mostrou significativo [$F(4,165) = 1,24, p > .05; R^2 = .03$]. Quando, num segundo passo, foram incluídas como preditores do desejo sexual masculino algumas das variáveis mais frequentemente descritas pela literatura, encontrou-se um modelo significativo [$F(8,161) = 3,87, p < .001$], tendo aumentando de forma significativa a variabilidade explicada ($R^2 = .16, \Delta R^2 = .13, p < .001$). Quando, num terceiro passo, foram introduzidas na análise as pistas para o envolvimento sexual encontrou-se um modelo igualmente significativo [$F(12,157) = 4,78, p < .001$] sendo que a variabilidade explicada aumentou significativamente ($R^2 = .27, \Delta R^2 = .11, p < .001$). A introdução das pistas sexuais como preditores, depois de controladas as variáveis demográficas e as variáveis mais frequentemente descritas pela literatura, introduziu uma mudança de 11% na capacidade explicativa da variabilidade do desejo sexual masculino.

¹ No caso das habilitações literárias e de modo a evitar situações de multicolinearidade, foram criadas k-1 variáveis indicadoras, neste caso, duas variáveis indicadoras (Hardy, 1993; O'Grady & Medoff, 1988). A categoria de referência foi "até 12º ano". A variável estado civil foi transformada em variável artificial explicativa, de acordo com as indicações de Hubert e Rousseeuw (1997) e de Hardy (1993).

No modelo correspondente ao segundo passo, a análise dos coeficientes de regressão estandardizados revelou que, de entre as variáveis mais frequentemente descritas pela literatura, somente a satisfação sexual mostrou ser um preditor significativo ($\beta = .24, p < .05$).

No modelo correspondente ao terceiro passo, a análise evidenciou as habilitações literárias correspondentes a Mestrado e doutoramento ($\beta = .17, p < .05$), as pistas emocionais ($\beta = .20, p < .05$) e as pistas de excitação ($\beta = .21, p < .05$) como preditores significativos do desejo sexual masculino (cf. Tabela 2).

Tabela 2
Preditores do Desejo Sexual Masculino (n = 170): Análise de Regressão Múltipla Hierárquica

Passos da análise e preditores	B	SE B	β	t	R²	ΔR^2
Modelo 1					.03	
Idade	-.03	.03	-.12	-1.24		
Solteiro	.07	.44	.02	.17		
Licenciatura	.34	.23	.13	1.51		
Mestrado e Doutoramento	.45	.30	.13	1.48		
Modelo 2					.16***	.13***
Idade	-.02	.03	-.08	-.84		
Solteiro	.02	.43	.01	.05		
Licenciatura	.32	.22	.12	1.50		
Mestrado e Doutoramento	.36	.29	.10	1.25		
Satisfação com a relação	.03	.04	.08	.91		
Satisfação sexual	.09	.04	.24*	2.47		
Autoestima sexual	.03	.02	.13	1.70		
Duração da relação (meses)	-.01	.00	-.10	-1.32		
Modelo 3					.27***	.11***
Idade	-.04	.03	-.13	-1.46		
Solteiro	.08	.42	.02	.19		
Licenciatura	.37	.21	.14	1.78		
Mestrado e Doutoramento	.58	.28	.17*	2.11		
Satisfação com a relação	.02	.04	.06	.68		
Satisfação sexual	.06	.03	.16	1.67		
Autoestima sexual	.02	.02	.09	1.25		
Duração da relação (meses)	-.00	.00	-.07	-.90		
Pistas emocionais	.33	.15	.20*	2.27		
Pistas sensoriais	.16	.10	.14	1.56		
Pistas de excitação	.31	.14	.21*	2.16		
Pistas visuais	-.06	.15	-.04	-.37		

* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$

Para se analisar a evolução do desejo em função da duração do relacionamento recorreu-se a uma análise univariada da variância (*ANOVA*)². Assumiu-se como variável independente a duração do relacionamento (5 grupos: 1 = 3 a 6 meses; 2 = 7 meses a 1 ano; 3 = 1 a 3 anos; 4 = 3 a 5 anos; 5 a 10 anos) e como variável dependente considerou-se o desejo sexual, avaliado através de uma das dimensões do *IIEF*.

Os resultados da análise univariada da variância revelaram não existir um efeito estatisticamente significativo da duração da relação no desejo sexual (*IIEF*) $F(4,165) = .648, p > .05$ (cf. Tabela 3).

Tabela 3

Desejo Sexual em Função da Duração do Relacionamento: Análises Univariadas da Variância

Desejo sexual	Quotas da Duração do Relacionamento					<i>F</i> (4,165)	η^2
	3M-6M (n = 34)	7M-1A (n = 25)	1A-3A (n = 49)	3A-5A (n = 32)	5A-10A (n = 30)		
<i>M</i>					8.57		
<i>(DP)</i>	8.94 (.23)	8.96 (.26)	8.96 (.19)	9.06 (.23)	(.24)	.65	.02

* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$

Nota.: M= meses; A = ano/s

Para se analisar a relação entre as motivações para o envolvimento desejo e a duração da relação recorreu-se a uma análise multivariada da variância (*MANOVA*). Assumiram-se as quatro pistas para o envolvimento sexual obtidas através do *CSDS-P* (pistas emocionais, sensoriais, excitação, visuais) como variável dependente e a duração da relação (5 grupos: 1 = 3 a 6 meses de relacionamento; 2 = 7 meses a 1 ano de relacionamento; 3 = 1 a 3 anos de relacionamento; 4 = 3 a 5 anos de relacionamento; 5 a 10 anos de relacionamento) como variável independente.

Os resultados do teste multivariado indicaram um efeito estatístico da duração da relação nas pistas para o envolvimento sexual próximo da significância, $\Lambda = .86, F(4, 165) = 1.51, p = .08, \eta^2$ parcial = .04.

² Dado que no primeiro passo da análise de regressão múltipla hierárquica não foi encontrado um efeito significativo das variáveis sociodemográficas idade, estado civil e nível de escolaridade no desejo sexual, optou-se por não as incluir como covariáveis na análise da variância uma vez que não havia justificação para tal

Os resultados das análises univariadas da variância evidenciaram o efeito significativo da duração da relação apenas nas pistas visuais ($p < .05$), com a correspondente magnitude de diferenças entre os grupos de relacionamento, $F(4, 165) = 2.63$, $p < .05$, η^2 parcial = .06 (Tabela 6).

Para se avaliar em que medida os cinco grupos de relacionamento diferem entre si, recorreu-se ao teste *post hoc* de Bonferroni. Os resultados mostraram que os homens envolvidos em relacionamentos mais curtos (entre 3 a 6 meses) foram os que mostraram frequências mais elevadas de pistas visuais para o envolvimento sexual, diferenciando-se significativamente de todos os restantes grupos de duração da relação relacionamento (7 meses a 1 ano; 1 a 3 anos; 3 a 5 anos; 5 a 10 anos) (cf. Tabela 4).

Tabela 4

Pistas para o Envolvimento Sexual em Função da Duração do Relacionamento: Análises Multivariadas da Variância

	Pistas para o envolvimento sexual					F (4,165)	η^2
	3M-6M	7M-1A	1A-3A	3A-5A	5A-10A		
	(n = 34)	(n = 25)	(n= 49)	(n = 32)	(n = 30)		
Pistas emocionais	4.03 (.13)	3.91 (.16)	4.03 (.11)	3.83 (.14)	3.73 (.14)	.98	.02
<i>M (DP)</i>							
Pistas sensoriais	3.07 (.19)	3.20 (.22)	2.99 (.16)	3.06 (.20)	3.34 (.20)	.55	.01
<i>M (DP)</i>							
Pistas de excitação	3.88 (.15)	4.06 (.18)	3.93 (.13)	3.93 (.16)	3.88 (.16)	.18	.00
<i>M (DP)</i>							
Pistas visuais	3.54 a (.14)	2.92 b (.16)	3.16 b (.11)	3.06 b (.14)	3.13 b (.15)	2.63*	.06
<i>M (DP)</i>							

* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$

Nota: Para cada pista emocional, as médias assinaladas com letras diferentes diferem significativamente entre si de acordo com o teste de Bonferroni ($p < .05$).

7. DISCUSSÃO

Neste estudo pretendia-se perceber o contributo específico das pistas para o envolvimento sexual na determinação do desejo sexual depois de analisado o papel das variáveis demográficas e o papel das variáveis frequentemente apontadas como determinantes pela literatura. Pretendia-se perceber ainda, em que medida o desejo e as pistas para o envolvimento sexual variam em função da duração do relacionamento considerando indivíduos envolvidos num relacionamento há pelo menos 3 meses e até 10 anos.

Relativamente à hipótese 1, os resultados encontrados no terceiro passo da análise de regressão hierárquica (quando introduzidos sequencialmente todos os preditores) mostraram o nível de escolaridade, especificamente a escolaridade equivalente a mestrado e/ou doutoramento, como preditor significativo dos níveis de desejo sexual masculino. Este dado é consistente com a literatura que associa as habilitações literárias mais elevadas a níveis mais elevados de desejo sexual (DeLamater & Sill, 2005) e os níveis de instrução mais baixos a problemas de desejo sexual (Rosen, et al., 1993). O facto de os homens com mestrado e doutoramento serem indivíduos com maior nível de instrução poderá resultar numa maior abertura em falar sobre a sua sexualidade. De acordo com as sugestões da literatura, pessoas que falam sem pudores sobre a sua sexualidade tendem a ser mais satisfeitas com a sua vida sexual (e.g., Macneil & Byers, 2009) podendo tal traduzir-se igualmente em níveis de desejo sexual mais elevado. Por outro lado, importa acautelar interpretações quanto a este resultado uma vez que a amostra é maioritariamente composta por homens com escolaridade superior (apenas 38% da amostra tem habilitações literárias inferiores a licenciatura).

Por sua vez, as variáveis idade e estado civil não se mostraram preditores dos níveis de desejo sexual masculino, contrariando as nossas expectativas. Quanto à idade, os resultados encontrados não se coadunam com a maioria dos estudos que sugerem um decréscimo nos níveis de desejo sexual com o avançar da idade (Byers & Heilein, 1989; Chao, Lin, Ma, Lai, Ku, Kuo, et al., 2011; Klusmann, 2002; Laumann, Paik & Rosen, 1999; Levine, 2003). Contudo, convém também aqui ressaltar que a amostra do presente estudo conta apenas com homens até aos 44 anos e até essa idade, as modificações a nível do desejo não estão tão documentadas na literatura. Trudel (2002), por exemplo, refere existir uma diminuição nos níveis de desejo sexual apenas nos homens com idades

superiores aos 60 anos. Na mesma linha, Segraves e Segraves (1991), referem que a média de idade dos homens com problemas no desejo sexual é superior em 11 anos, à das mulheres com a mesma problemática, o que sugere que as problemáticas ao nível do desejo no homem tendem a surgir numa idade mais tardia.

Quanto ao estado civil, não foi encontrada capacidade preditiva nos níveis de desejo sexual masculino, desconfirmado assim a previsão inicial, formulada de acordo com alguns dados da literatura empírica (e.g., Laumann et al., 1999; Oksuz & Malhan, 2006; Rosen et al., 1993; Tai, Baxter & Hewitt, 2014). Contudo, a literatura sugere também que o estado civil, por si só, não é necessariamente o melhor preditor direto dos níveis de desejo sexual masculino, enfatizando o eventual efeito mediador de outras variáveis associadas como sejam a estabilidade da relação, a qualidade da relação ou a satisfação sexual, essas sim, variáveis com impacto mais imediato no interesse sexual (Brown, 2003; Bridges & Horne, 2007; Chao, et al., 2011; Smock, 2000; Tai, Baxter & Hewitt, 2014).

Quanto à 2ª hipótese, de entre as variáveis que a literatura aponta como preditores frequentes ou prováveis do desejo sexual masculino, somente a satisfação sexual mostrou ser um preditor significativo, depois de controladas as variáveis demográficas. A importância da satisfação sexual para o interesse sexual tem sido referida na literatura (e.g., Chao, et al., 2011; Murray e Milhausen, 2012; Bridges & Horne, 2007; Davies & Jackson, 1999) sendo que níveis de desejo sexual mais elevado surgem frequentemente associados a níveis mais elevados de satisfação sexual (e.g., Chao, et al., 2011).

Contrariando as nossas expectativas, bem como as sugestões da literatura, a satisfação com a relação, a duração da mesma e a autoestima sexual não se mostraram preditores significativos dos níveis de desejo sexual (e.g., Brazsnyak & Whisman, 2004; Kontula & Haavio-Mannila, 2009) mesmo após controlar as variáveis demográficas.

De acordo com o que a literatura sugere, a autoestima sexual poderá predizer os níveis de desejo sexual (e.g. Kontula & Haavio-Mannila, 2009). Embora; os resultados do presente estudo não confirmem tal sugestão, importa salientar que no estudo levado a cabo por Kontula e Haavio-Mannila em 2009, apenas foram considerados indivíduos com idade superior a 45 anos, e a nossa amostra é constituída apenas por indivíduos até aos 44 anos. Tal poderá significar que a autoestima sexual apenas prediz o desejo em idades mais avançadas ou que nessas idades outras variáveis podem estar presentes e contribuir para explicar a associação entre autoestima sexual e desejo sexual. Quanto à variável satisfação

com a relação não se mostrar um preditor significativo dos níveis de desejo sexual, tal contraria a maioria dos estudos que sugerem que quanto maiores os níveis de satisfação com a relação maiores os níveis de desejo sexual quer nos homens quer nas mulheres (Brezsnyak & Whisman, 2004; Regan, 1998; Vilarinho, 2010). O facto de os participantes da nossa amostra pertencerem a uma faixa etária bastante jovem (dos 18 aos 44 anos) e com uma duração do relacionamento não muito longa (dos 3 meses até 10 anos) poderá justificar que, numa amostra com estas características, outras variáveis contribuam para melhor predizer os níveis de desejo sexual do que a satisfação com a relação (ou a autoestima sexual).

Relativamente à hipótese 3, após controladas as variáveis demográficas e as variáveis frequentemente apontadas na literatura como determinantes do desejo sexual, os dados mostraram que as pistas emocionais [$\beta = .20, p < .05$] e as pistas de excitação [$\beta = .21, p < .01$], foram as pistas que mostraram melhor predizer o envolvimento sexual nos homens. Quanto às pistas de excitação (eg., perceber sensações genitais; Ouvir a parceira dizer-lhe que tem fantasias consigo; sensação de estar com ereção ou de a parceira estar “molhada” ou lubrificada; pedir ou antecipar atividade sexual; ter uma fantasia sexual (a dormir ou acordado)), o resultado encontrado está de acordo com o que a maioria da literatura sugere, ou seja, a noção de que o homem é tendencialmente motivado para se envolver sexualmente pela excitação que tal representa, como forma de obter prazer e pela variedade e experiência sexual (eg., Leigh, 1989; Hill & Preston, 1996; Meston & Buss, 2007). No que respeita às pistas emocionais (e.g., sentir apoio e suporte da parceira; ter um sentimento de segurança na relação; Falar do futuro com a parceira; a parceira faz alguma coisa especial ou amorosa; ter um sentimento de amor pela parceira), pelo contrário, este resultado parece contrariar os estudos que sugerem que no homem o desejo de carinho e a procura de intimidade não são os mais determinantes para o desejo sexual, sobretudo com o aumento do tempo de relação (Klusmann, 2002), além de contrariarem a crença comum de que os homens não são movidos emocionalmente para os encontros sexuais (Nobre, Pinto-Gouveia & Gomes, 2003).

Relativamente à hipótese 4, respeitante à importância da duração do relacionamento no desejo sexual masculino, os nossos resultados mostraram que o tempo de relação não parece afetar significativamente o desejo contrariando uma boa parte da literatura que sugere que o desejo pode aumentar ou diminuir com o avançar do relacionamento (eg., Araujo, Mohr & Mackinley, 2004; Byers & Heilein, 1989; Carvalho & Nobre 2011; Murray, Shutherland & Milhausen, 2012; Levine, 2003; Lindau et al., 2007). Contudo, a

literatura também nem sempre tem revelado consenso quanto ao efeito da duração do relacionamento nos níveis de desejo sexual, uma vez que alguns estudos apontam a ausência de efeito direto no desejo sexual masculino (eg., Kontula & Haavia-Mannila, 2009; Murray & Milhausen, 2012). Por outro lado, importa sublinhar que a duração máxima do relacionamento dos participantes no presente estudo não ultrapassa os 10 anos. Deste modo, algumas variáveis da relação que podem afetar o desejo e que estão presentes sobretudo em relacionamentos mais longos, não têm ocasião de expressão numa amostra com relacionamentos mais curtos como a deste estudo.

Quanto à 5ª hipótese, relativa à eventual modificação na frequência das pistas para o envolvimento sexual com o avançar do relacionamento, os dados mostraram que somente as pistas visuais parecem sofrer mudanças em função da duração da relação. Verificou-se que os casais envolvidos numa relação há pelo menos 3 meses e no máximo há 6 meses, isto é numa fase inicial de relacionamento, são as pistas visuais as que melhor predizem os seus níveis de desejo sexual (eg., falar com alguém com poder; falar com alguém famoso; falar com alguém rico; estar próximo de uma pessoa atraente; estar próximo de alguém bem-vestido ou “com classe”; observar alguém a envolver-se em atividades físicas; ver um corpo bem tonificado; ver alguém agir de forma confiante). Contudo, com o avançar do relacionamento as pistas visuais não se mostram significativas. Estes resultados confirmam a ideia de que os homens são tendencialmente visuais (Rupp & Wallen, 2009) mas sugere que tal acontece apenas nos primeiros meses de relacionamento.

No seu conjunto, os resultados do presente estudo parecem evidenciar sobretudo o papel das pistas de excitação e pistas emocionais para o envolvimento sexual, assim como a importância do nível de escolaridade na determinação dos níveis de desejo sexual masculino. Além disso, os dados sugerem as pistas visuais como sendo os motivos mais frequentes para os homens se envolverem sexualmente com a companheira, mas tal parece acontecer somente numa fase muito inicial do relacionamento (entre os 3 e os 6 meses) esbatendo-se a sua importância após os primeiros meses de relação. Por outro lado, os resultados mostram que a variável tempo de relação não parece influenciar negativamente os níveis de desejo sexual masculino, pelo menos quando se consideram os primeiros 10 anos de relacionamento. De modo geral, estes dados acrescentam algumas novidades à literatura existente sobre o desejo sexual no sentido de evidenciarem a importância de se considerarem as motivações ou pistas para o envolvimento sexual nos homens.

No entanto, na avaliação dos resultados do presente estudo existem algumas limitações que precisam ainda ser consideradas como sejam o facto da divulgação da bateria de testes ter sido realizado exclusivamente *online*, dificultando a possibilidade de resposta ou mesmo o simples acesso a pessoas mais velhas. Além da bateria de testes ser extensa (feedback recebido de participantes), a acessibilidade desta bateria a indivíduos com idades superiores tornou-se bastante mais difícil, possivelmente pela menor adesão desses indivíduos à Internet e, através dela, a blogs e sites onde o questionário foi partilhado. Dado o método de seleção da amostra selecionado (amostra recolhida por conveniência e com efeito bola de neve, mediante divulgação *online*), não foi possível obter uma maior diversidade nos dados sociodemográficos, o que pode ter limitado as possibilidades de análise e condicionado a riqueza dos resultados obtidos. Também por se tratar de uma amostra de conveniência, a possibilidade de interpretação ficam sempre sujeitas a uma maior reserva e qualquer tentativa de generalizar os resultados para a população portuguesa fica sempre comprometida.

8. CONCLUSÕES FINAIS

Pela sua génese, o desejo sexual é um tema que desperta interesse de estudo desde há muitas gerações. Apesar da abundante literatura acerca do desejo sexual, não existe ainda total consenso quanto à sua definição nem quanto aos fatores que o determinam.. De modo geral, os estudos sugerem a importância de variáveis sociodemográficas, sobretudo a idade e o nível de escolaridade, variáveis sexuais como a satisfação sexual e a autoestima sexual e também variáveis relacionais como sejam a satisfação com o relacionamento e a duração da relação. Por outro lado, um considerável número de estudos parece apontar para uma redução do desejo sexual com o evoluir da relação. Contudo, os dados nem sempre são congruentes nesta direção. Quando se percorre a literatura empírica, constata-se a escassez de estudos que analisem a importância das motivações sexuais para o desejo sexual ou que aprofundem a componente motivacional do desejo sexual.

Neste contexto, assumindo-se a motivação como parte integrante do desejo sexual masculino, pretendeu-se neste estudo, de natureza quantitativa, explorar a sua importância relativamente a outros preditores do desejo. Pretendeu-se ainda perceber a evolução do desejo e das motivações para o envolvimento sexual à medida que a duração do relacionamento aumenta.

O estudo conduzido permitiu-nos chegar a alguns resultados sugestivos tais como o facto do aumento do tempo de relacionamento parecer não afetar os níveis de desejo sexual masculino. Além disso, as motivações masculinas para o envolvimento sexual também não revelaram variar muito em função do tempo de relação, exceto as pistas visuais que parecem ser determinantes mas apenas nos primeiros 3 a 6 meses de relação. Apesar de não mudarem muito em função do tempo de relação, as motivações sexuais mostraram ser importantes preditores do desejo sexual, sobretudo as pistas de excitação e as pistas emocionais pelo que se considera importante a sua consideração e inclusão em estudos futuros.

No futuro, pretende-se continuar a explorar o desejo, a relação entre este e as principais motivações dos homens para se envolverem em atividade sexual, bem como tentar perceber em que medida o tempo de relação poderá ou não ser importante para o desejo e motivações sexuais para o que se procurará aumentar o tamanho da amostra, alargar a idade dos participantes e também desse modo, aumentar os grupos com duração de relacionamento superior.

REFERÊNCIAS

- Amato, P.R. and Booth, A. (1997). *A generation at risk: Growing up in an era of family upheaval*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Amato, P. R., & Rogers, S. J. (1997). A longitudinal study of marital problems and subsequent divorce. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 612 – 624. doi:10.2307/353949
- American Psychiatric Association (1994). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (4th ed.). Washington, DC: Author.
- American Psychiatric Association (2000). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (4th Editon). Washington, DC: Author.
- Apt, C., Hurlbert, D., Pierce, A., & White, L. (1996). Relationship satisfaction, sexual characteristics, and the psychosocial well-being of women. *Canadian Journal of Human Sexuality*, 5, 195–210.
- Araújo, A.B., Mohr, B.A., McKinley, J.B. (2004). Changes in sexual function in middle aged and older men: Longitudinal data from the Massachusetts male aging study. *Journal of the American Geriatric Society*, 52:1502–1509.
- Basson, R. (2005). Women's sexual dysfunction: revised and expanded definitions. *CMAJ: Canadian Medical Association Journal*, 172(10), 1327-1333.
- Barberá, E. & Navarro, E. (2000). La construcción de la sexualidad en la adolescencia. *Revista de Psicología Social*, (15)1, 63-75.
- Barrientos, J., & Páez, D. (2006). Psychosocial variables of sexual satisfaction in Chile. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 32(5), 351-368.
- Beck, J. G., Bozman, A. W., Qualtrough, T. N. (1991). The experience of sexual desire: psychological correlates in a college sample. *The Journal of Sex Research*, 28(3),443-456.

- Beutel, M. E, Schumacher, J., Weidner, W. & Brähler, E. (2002). Sexual activity, sexual and partnership satisfaction in aging men-results from a German representative community study. *Andrologia*, 34, 22-28.
- Breznysnyak, M., & Whisman, M. A., (2004). Sexual Desire and Relationship Functioning: The effects of Marital Satisfaction and Power. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 30, 199-217. doi: 10.1080/00926230490262393.
- Bridges, S. & Horne, S. (2007). Sexual satisfaction and desire discrepancy in same sex women's relationship. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 33, 41-53..Doi: 10.1080/000926230600998466.
- Brown, S. L. (2003). Relationship quality dynamics of cohabiting unions. *Journal of Family Issues*, 24, 583 – 601. doi:10.1177/0192513X03252671.
- Browning, J. R. (2004). A comprehensive inventory of sexual motives. *Unpublished doctoral dissertation*, University of Hawaii at Manoa..
- Byers, E.S., & Heilein, L. (1989). Predicting initiations and refusals of sexual activities in married and cohabiting heterosexual couples. *The Journal of Sex Research*, 26(2), 210-231.
- Byers, E.S. & MacNeil, S. (2006). Further validation of the Interpersonal Exchange. Model of Sexual Satisfaction. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 32, 53-69.
- Byers, S. E. (2005). Relationship satisfaction and sexual satisfaction: A longitudinal study of individuals in long-term relationships. *The Journal of Sex Research*, 42(2), 113-118.
- Carvalho, A. A., Brotto, L. A., & Leal, I. (2010). Women's motivations for sex: Exploring the Diagnostic and Statistical Manual, Fourth Edition, Text Revision Criteria for Hypoactive Sexual Desire and Female Sexual Arousal Disorders. *Journal of Sexual Medicine*, 7, 1454-1463. doi:10.1111/j.1743-6109.2009.01693.x.
- Carvalho, A. A., Brotto, L. A., & Maroco, J. (2011). Portuguese Version of Cues for Sexual Desire Scale: The influence of Relationship Duration. *Journal of Sexual Medicine*, 8, 123-131. doi:10.1111/j.1743-6109.2010.01909.x.

- Carvalho, J., & Nobre, P. (2010a). Predictors of Women's Sexual Desire: The Role of Psychopathology, Cognitive-Emotional Determinants, Relationship Dimensions, and Medical Factors. *Journal of Sexual Medicine*, 7, 928-937. doi:10.1111/j.1743-6109.2009.01568.x.
- Carvalho, J., & Nobre, P. (2010b). Gender Issues and Sexual Desire: The Role of Emotional and Relationship Variables. *Journal of Sexual Medicine*, 7, 2469-2478. doi:10.1111/j.1743-6109.2009.01689.x.
- Carvalho, J & Nobre, P (2011). Predictors of Men's Sexual Desire: The Role of Psychological, Cognitive-Emotional, Relational, and Medical Factors. *The Society for the Scientific Study of Sexuality*, 48 (2-3), 254-262. doi: 10.1080/00224491003605475.
- Carroll, J. L.; Volk, K.D.; Hyde, J. S. (1985). Differences between males and females in motives for engaging in sexual intercourse. *Archives of Sexual Behavior*, 14 (2), 131-139. doi: 10.1007/BF01541658.
- Chao, J.K. et al., (2011). Relationship Among Sexual Desire, Sexual Satisfaction, and Quality of Life in Middle-Aged and Older Adults. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 37, 386-403. doi: 10.1080/0092623X.2011.607051
- Crooks, R. & Baur, K. 1993, *Our Sexuality- 5th Edition.*, California: Benjamin/Cummings Publishing Company Inc...
- Curtis, Y., Eddy, L.; Ashdown, B.; Feder, H. & Lower, T. (2012). Prelude to a coitus: Sexual initiation cues among heterosexual married couples. *Sexual and Relationship Therapy*, 27 (4), 322-334. doi: 10.1080/14681994.2012.734604.
- Davies, S., Katz, J., & Jackson, J. (1999). Sexual desire discrepancies: Effects on sexual and relationship satisfaction in heterosexual dating couples. *Archives of Sexual Behavior*, 28, 553-567.
- DeLamater, J. D., & Sill, M. (2005). Sexual desire in later life. *Journal of Sex Research*, 42, 138-149.

- Dennerstein, L., & Leher P (2004). Modelling mid-aged women's sexual functioning: A prospective, population-based study. *Journal of Sex & Marital Therapy*; 30(3):173-183.
- Derogatis, L. (1982). *BSI: Brief Symptom Inventory*. Minneapolis: National Computers System.
- Dias, J.P.B.M. (2009). *A Satisfação Conjugal, a Depressão e a Sexualidade na terceira idade*. Tese de Mestrado em Temas de Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.
- Diokno, A., Brown, M., & Herzog, A. (1990). Sexual function in the elderly. *Archives of Internal Medicine*, 150(1), 197-200.
- Dobkin, R. D., Leiblum, S. R., Rosen, R. C., Menza, M., & Marin, H. (2006). Depression and Sexual Functioning in Minority Women: Current status and future directions. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 32, 23-36. doi:10.1080/00926230500229251.
- Donnelly, D. (1993). Sexually inactive marriages. *Journal of Sex Research*, 30(2), 171-179.
- Everaerd. W. & Laan. E. (1995). Desire for passion: Energetics of sexual response. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 21(4), 255-263. doi:10.1080/00926239508414645.
- Gaynor, P. & Underwood, J. (1995). Conceptualizing and measuring sexual self-esteem. In Shrout, P., Fiske, S., *Personality research, methods and theory: a festschrift honoring Donald W. Fiske*. N.J.: Hillsdale.
- Haavio-Mannila, E., & Kontula, O. (1997). Correlates of increased sexual satisfaction. *Archives of Sexual Behavior*, 26(4), 399-419.
- Hardy, M. (1993). *Regression with dummy variables*. Sage University Paper Series on Quantitative Applications in the Social Sciences, Series No. 07-093. Newbury Park, CA: Sage.

- Hatfield, E., Luckhurst, C., & Rapson, R. L. (2010). Sexual motives: cultural, evolutionary, and social psychological perspectives. *Sexuality & Culture, 14*, 173-190. doi:10.1007/s12119-010-9072-z.
- Hayes, R. & Dennerstein, L. (2005). The Impact of Aging on Sexual Function and Sexual Dysfunction in Women: A Review of Population-Based Studies. *The Journal of Sexual Medicine, 2* (3), 317-330. doi: 10.1111/j.1743-6109.2005.20356.x.
- Hill, C. A., & Preston, L. K. (1996). Individual Differences in the Experience of Sexual Motivation: Theory and Measurement of Dispositional Sexual Motives. *The Journal of Sex Research, 33*(1), 27-45.
- Hubert, M., & Rousseeuw, P. (1997). Robust regression with both continuous and binary regressors. *Journal of Statistical Planning and Inference, 5*, 153-163.
- James, R.J. (2011). Correlates of sexual self-esteem in a sample of substance-abusing women. *Journal of Psychoactive Drugs, 43*(3), 220-228. doi: 10.1080/02791072.2011.605700.
- Kaplan, H. S. (1979). *Disorders of Sexual Desire*. New York: Brunner/Mazel.
- Klusmann, D. (2002). Sexual motivation and the duration of partnership. *Archives of Sexual Behavior, 31*(3), 275-287. doi:0004-0002/02/0600-0275/0.
- Kontula, O., & Haavio-Mannila, E. (2009). The impact of aging on human sexual activity and sexual desire. *Journal of Sex Research, 46*(1), 46-56.
- Laumann, E., Nicolosi, A., Glasser, D., Paik, A., Gingell, C., Moreira, et al. (2005). Sexual problems among women and men aged 40–80 y: prevalence and correlates identified in the Global Study of Sexual Attitudes and Behaviors. *International Journal of Impotence Research, 17*(1), 39-57.
- Laumann, E. O., Paik, A., & Rosen, R. (1999). Sexual dysfunction in the United States: Prevalence and predictors. *Journal of the American Medical Association, 281*, 537-544.
- Laumann, E., Paik, A., Glasser, D., Kang, J.-H., Wang, T., Levinson, B., Moreira, E., Nicolosi, A., & Gingell, C. (2006). A cross-national study of subjective sexual

well-being among older women and men: Findings from the global study of sexual attitudes and behaviors. *Archives of Sexual Behavior*, 35(2), 145–161

Lagrange, H. & Lhomond, B. (1997). Comportements sexuels et transformations sociales. *Éditions La Découverte*, 52 (6) 1539-1549.

Laumann, E. O., Gagnon, J. H., Michael, R. T., & Michaels, S. (1994). *The Social Organization of Sexuality: Sexual Practice in the United States*. Chicago: University of Chicago Press.

Lawrance, K., & Byers, E. S. (1995). Sexual satisfaction in long-term heterosexual relationships: The interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Personal Relationships*, 2, 267–285.

Lawrance, K., & Byers, E. (1998). Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction Questionnaire. In C. M. Davis, W. L. Yarber, R. Baureman, G. Schreer, & S. L. Davis (Eds.), *Sexuality related measures: A compendium* (2nd ed., pp. 514–519). Thousand Oaks, CA: Sage.

Leigh, B. C. (1989). Reasons for Having and Avoiding Sex: Gender, Sexual Orientation, and Relationship to Sexual Behavior. *The Journal of Sex Research*, 26(2), 199-209.

Leiblum, S., & Rosen, R. (1988). Introduction: changing perspectives on sexual desire. In Leiblum, S., & Rosen, R. (Eds.) *Sexual Desire Disorders* (1-17). New York: The Guilford Press.

Levine, S. B. (1987). More on the nature of sexual desire. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 13 (1), 35-44. doi:10.1080/00926238708403877.

Levine, S. B. (1988). Intrapsychic and Individual Aspects of Sexual Desire. In Leiblum, S.R., & Rosen, R. (Eds.). *Sexual desire disorders*. New York: The Guilford Press.

Levine, S. B. (2002). Reexploring the Concept of Sexual Desire. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 28(1), 39-51. doi:10.1080/009262302317251007.

Levine, S. B. (2003). The Nature of Sexual Desire: A Clinician's Perspective. *Archives of Sexual Behavior*, 32(3), 279-285. doi:0004-0002/03/0600-0279/0.

- Lindau, S., Schumm, L., Laumann, E., Levinson, W., O'Muircheartaigh, C., & Waite, L. (2007). A study of sexuality and health among older adults in the United States. *New England Journal of Medicine*, 357(8), 762-774.
- Macneil, S. & Byers, S.(2009). Role of Sexual Self-Disclosure in the Sexual Satisfaction of Long-Term Heterosexual Couples. *Journal of Sex Research*, 46 (1), 3-14. doi: 10.1080/00224490802398399.
- Manocci, J. F.(1998) *Disfunções sexuais: Abordagem Clínica e Terapêutica*. São Paulo: Fundação BYK.
- Masters, W. H., & Johnson, V. E. (1966). *Human sexual response*. Boston: Little Brown
- McCall, K., & Meston, C. (2006). Cues resulting in desire for sexual activity in women. *Journal of Sexual Medicine*, 3, 838-852. doi:10.1111/j.1743-6109.2006.00301.x.
- Mercer, C.H., Fenton, K.A., Johnson, A.M., Wellings, K., Macdowall, W., McManus, S., et al. (2003). Sexual function problems and help seeking behaviour in Britain: national probability sample survey. *British Medical Journal*,: 327; 426-427
- Meston, C. M., & Buss, D. M. (2007). Why Humans Have Sex. *Archives of Sexual Behavior*, 36, 477-507. doi:10.1007/s10508-007-9175-2.
- Morokoff, P., & Gilliland, R. (1993). Stress, sexual functioning, and marital satisfaction. *Journal of Sex Research*, 30(1), 44-54.
- Murray, S. H., & Milhausen, R. R. (2012). Sexual desire and Relationship Duration in Young Men and Women. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 38 (1), 28-40. doi:10.1080/0092623X.2011.569637.
- Murray, S. H. Shuterland, O. & Milhausen, R.R (2012). Young women's descriptions of sexual desire in long-term relationships. *Sexual & Relationship Therapy*, 27(1),3-16. doi: 10.1080/14681994.2011.649251
- Nelson, P. A. (1978). Personality, sexual functions, and sexual behavior: An experiment in methodology. *Unpublished doctoral dissertation*, University of Florida, Gainesville.

- Nobre, P., Pinto-Gouveia, J., & Gomes, F. A. (2003). Sexual dysfunctional beliefs questionnaire: An instrument to assess sexual dysfunctional beliefs as vulnerability factors to sexual problems. *Sexual & Relationship Therapy, 18*(2),171-204.
- Oattes, M., & Offman, A. (2007). Global self-esteem and sexual self-esteem as predictors of sexual communication in intimate relationships. *Canadian Journal of Human Sexuality, 16*(3/4), 89-100.
- O'Grady, K., & Medoff, D. (1988). Categorical variables in multiple regression: Some cautions. *Multivariate Behavioral Research, 23*(2), 243.
- O'Sullivan, L. F., Lawrance, K., & Byers, E. S. (1994). Discrepancies in desired level of sexual intimacy in long-term relationships. *Canadian Journal of Human Sexuality, 3*, 313-316.
- Pascoal, P., & Pereira (2006). Young men's body image satisfaction and sexuality: A comparative study. *The Journal of Sex Research, 43*(1), 2-37.
- Pfaus, J.G. & Scepkowski, L.A. (2005). The Biologic Basis for Libido. *Current Sexual Health Reports, 2*, 95-100.
- Quinta-Gomes, A.L., Nobre, P. (2012). The International Index of Erectile Function (IIEF-15): psychometric properties of the Portuguese version. *Journal of Sexual Medicine, 9* (1), 180-187. doi: 10.1111/j.1743-6109.2011.02467.x.
- Quinta-Gomes, A.L., Nobre, P. (2014). Prevalence of Sexual Problems in Portugal: Results of a Population-Based Study Using a Stratified Sample of Men Aged 18 to 70 Years. *Journal of sex Research, 51*(1), 13–21. doi:10.1080/00224499.2012.744953.
- Rainer, H. & Smith, I. (2012). Education, Communication and Weelbeing: An Application to sexual Satisfaction. *International Review for Social Sciences, 65*(4), 581-598. doi: 10.1111/kykl.12007.
- Regan, P. C. & Berscheid, E. (1995). Gender differences in beliefs about the causes of male and female sexual desire. *Personal Relationships, 2*, 345-358.
- Regan, P.C. & Berscheid, E. (1999). Lust: What We Know About Human Sexual Desire. *Book Reviews. 367-368.*

- Regan, P. C. (2000). The role of sexual desire and sexual activity in dating relationships. *Social Behavior and Personality*, 28, 51–60.
- Regan, P. C., & Atkins, L. (2006). Sex differences and similarities in frequency and intensity of sexual desire. *Social Behavior and Personality*, 34(1), 95-102.
- Rosen, R., Taylor, J., Leiblum, S., & Bachmann, G. (1993). Prevalence of sexual dysfunction in women: Results of a survey study of 329 women in an outpatient gynecological clinic. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 19(3), 171-188.
- Rosen, R. C., Riley, A., Wagner, G., Osterloh, I. H., Kirkpatrick, J., & Mishra, A. (1997). The international Index of Erectile Function (IIEF): A multidimensional scale for assessment of erectile dysfunction. *Urology*, 49, 822–830.
- Rust, J., Golombok, S. and Collier, J. (1988) Marital problems and sexual dysfunction: How are they related? *British Journal of Psychiatry*, 152, 629-631.
- Rupp, H. A & Wallen, K. (2007). Sex Differences in Response to Visual Sexual Stimuli: A Review. *Arch Sex Beh*, 37 (2),206-218. doi: 10.1007/10508-007-9217-9.
- Sánchez-Fuentes, M.M., Santos-Iglesias, P., Sierra, J. C. (2014). A systematic review of sexual satisfaction. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 14, 67-75.
- Santos, G. & Marques, T.R. (2001). Sexualidade no Idoso. *Psiquiatria clínica*, 95-105.
- Senn, C., & Desmarais, S. (2004). Impact of interaction with a partner or friend on the exposure effects of pornography and erotica. *Violence and Victims*, 19, 645–658.
- Smith, D.M. et al., (2012). Real-Time multi-model decadal climate predictions. *Climate Dynamics*, 41 (11-12), 2875-2888. doi:10.1007/s00382-012-1600-0
- Smock, P. (2000). Cohabitation in the United States: An appraisal of research themes, findings, and implications. *Annual Review of Sociology*, 26(1), 1–20.
- Snell, W., & Papini, D. (1989). The sexuality scale: An instrument to measure sexual-esteem, sexual depression, and sexual-preoccupation. *Journal of Sex Research*, 26, 156-263.

- Snell, W. (2001). Chapter 1: The Sexuality Scale: An instrument to measure sexual-esteem, sexual-depression, and sexual preoccupation. In W. E. Snell, Jr. (Ed.), *New directions in the psychology of human sexuality: Research and theory*. Cape Girardeau, MO: Snell Publications.
- Sprague, J. & Quadagno, D. (1989). Gender and sexual motivation: An exploration of two assumptions. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 2, 57-76.
- Tai, T., Baxter, J. & Hewitt, B. (2014). Do co-residence and intentions make a difference? Relationship satisfaction in married, cohabiting, and living apart together couples in four countries. *Demographic Research*, 3(31), 71-104. doi: 10.4054/DemRes.2014.31.3.
- Trudel, G. (2002). Sexuality and marital life: Results of a survey. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 28(3), 229-249.
- Verhulst, J., & Heiman, J. R. (1979). A interactional approach to sexual dysfunction. *American Journal of Family Therapy*, 7, 19-36.
- Verhulst, J., & Heiman, J. R. (1988). A systems perspective on sexual desire. New York, NY, US: Guilford Press ,243- 267.
- Vilarinho, S. M. C. S. (2010). *Funcionamento e Satisfação sexual feminina: integração do afeto, variáveis cognitivas e relacionais, aspetos biológicos e contextuais*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Coimbra, Portugal
- Wagner, A. & Falcke, D. (2001). Satisfação conjugal e transgeracionalidade. *Psicologia Clínica*, 13(2), 11-24.
- Wiik, K. A., Bernhardt, E., & Noack, T. (2009). A study of commitment and relationship quality in Sweden and Norway. *Journal of Marriage and Family*, 71, 465 – 477. doi:10.1111/j.1741- 3737.2009.00613.x
- Wikk, K.A.; Keizer, R. & Lappegard,T.(2012). Relationship Quality in Marital and Cohabiting Unions Across Europe. *Journal of Marriage and Family*, 74, 389-398. doi: 10.1111/j.1741-3737.2012.00967.x.

Zeanah, P.D., & Schwarz, J.C. (1996). Reliability and validity of the sexual self-esteem inventory for women. *Assessment*, 3, 1-15.

ANEXOS

Anexo 1 – Parecer comissão de ética

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER

A Comissão de Ética (CE) da Faculdade de Psicologia Ciências da Educação da Universidade do Porto, tendo analisado a resposta transmitida pelo Prof. Doutor Pedro Nobre ao parecer emitido por esta Comissão a 23 de Outubro, relativo à tese de mestrado de Teresa Peres Coutinho intitulado "Desejo e motivações sexuais em função da duração do relacionamento numa amostra masculina" considera, que ele respeita todos os princípios éticos e normas deontológicas da investigação pelo que emite um parecer favorável à sua realização.

FPCEUP, 2 de dezembro de 2013

A Presidente,



Prof. Marianne Lacomblez

Anexo 2 - Consentimento Informado

Consentimento Informado

Estou de acordo em participar no estudo intitulado “*Preditores do desejo sexual e evolução do desejo e motivações sexuais em função da duração do relacionamento numa amostra masculina*”, integrado na dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia – Área da Clínica e da Saúde –, da aluna Teresa Peres Coutinho, pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. O presente estudo encontra-se sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Nobre e da Prof.^a Dra. Sandra Vilarinho e foi aprovado pela Comissão de Ética da FPCE-UP.

Foi-me dada uma explicação integral acerca da natureza e objetivos do estudo, e concedida a possibilidade de indagar e esclarecer todos os aspetos que considere pertinente.

Sei que sou livre de abandonar o estudo, em qualquer momento, se o desejar.

A minha identidade jamais será revelada e os dados permanecerão confidenciais.

Concordo que estes sejam analisados pelos investigadores responsáveis pelo estudo, sob autoridade delegada do investigador principal.

Concordo em que não procurarei restringir o uso dos dados para os quais o estudo se dirige.

Data: ___/___/_____

Assinatura da participante: _____

Assinatura da investigadora principal: _____

Anexo 3 - Protocolo de Avaliação usado *online*

VERSÃO MASCULINA

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

1. Idade: ____

2. Profissão: _____

3. Habilitações literárias:

4ª Classe 6º Ano 9º Ano 12º Ano Licenciatura Mestrado Doutoramento

4. Estado civil:

Solteiro Casado Divorciado União de facto Viúvo Separado

5. Zona de residência: Rural ___ Urbana ___

6. Nacionalidade _____

7. Parceiro sexual atual (indique o que melhor se aplica)

Namorada

Namorado

Mulher

Marido

8. Caso mantenha uma relação com um/a companheiro/a, há quanto tempo dura (por favor, especifique duração em meses)? _____

9. Caso viva com um/a companheiro/a, há quanto tempo dura a coabitação (duração em meses)? _____

10. Se vive em coabitação com o/a companheiro/a, indique por favor:

10.1. Partilha as tarefas domésticas? Sim

Não

10.2. Qual a sua % de dedicação às tarefas domésticas (assinale com um círculo ou cruz a opção que corresponde à sua resposta)

0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	------

10.3. Está satisfeito com a partilha das tarefas domésticas? Sim Não

11. Idade do/a companheiro/a: _____ anos

12. Profissão do/a companheiro/a: _____

13. Habilitações literárias do/a companheiro/a (nível mais alto atingido): _____

14. Tem filhos? Sim Não

Se sim, número de filhos _____

HISTÓRIA MÉDICA

1. Por favor indique se alguma vez teve problemas ou se apresenta atualmente queixas nas seguintes áreas:

1.Tensão arterial elevada/baixa	<input type="checkbox"/>	7.Problemas sanguíneos	<input type="checkbox"/>	13.Doenças venéreas	<input type="checkbox"/>
2.Diabetes	<input type="checkbox"/>	8.Cancro	<input type="checkbox"/>	14.Abuso de álcool	<input type="checkbox"/>
3.Problemas cardíacos	<input type="checkbox"/>	9.Ansiedade	<input type="checkbox"/>	15.Abuso de drogas	<input type="checkbox"/>
4.Doença neurológica	<input type="checkbox"/>	10.Depressão	<input type="checkbox"/>	16.Outro: _____	<input type="checkbox"/>
5.Prostatectomia	<input type="checkbox"/>	11.Problemas urológicos	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
6.Acidente Vascular cerebral	<input type="checkbox"/>	12.Problemas na coluna	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>

2. Por favor indique se toma ou tomou recentemente algum dos seguintes medicamentos:

- a. Anti-hipertensores b. Antidepressivos c. Antipsicóticos

2.1. BSI

	Nada	Raramente/ Ocasionalm ente	Algumas vezes	Frequentem ente	Extremame nte
1. Desmaios ou tonturas	0	1	2	3	4
2. Não ter interesse por nada	0	1	2	3	4
3. Nervosismo ou tensão interior	0	1	2	3	4
4. Dores sobre o coração ou no peito	0	1	2	3	4
5. Sentir-se sozinha/o	0	1	2	3	4
6. Sentir-se em estado de tensão ou aflição	0	1	2	3	4
7. Vontade de vomitar ou mal-estar no estômago	0	1	2	3	4
8. Sentir-se triste	0	1	2	3	4
9. Ter um medo súbito sem razão para isso	0	1	2	3	4
10. Sensação de que lhe falta o ar	0	1	2	3	4
11. Sentir que não tem valor	0	1	2	3	4
12. Ter ataques de terror ou pânico	0	1	2	3	4
13. Sensação de anestesia (encortamento ou formiguento) no corpo	0	1	2	3	4
14. Sentir-se sem esperança perante o futuro	0	1	2	3	4
15. Sentir-se tão desassossegada que não consegue manter-se sentada quieta/o	0	1	2	3	4
16. Falta de forças em partes do corpo	0	1	2	3	4
17. Pensamentos de acabar com a vida	0	1	2	3	4
18. Sentir-se atemorizada/o	0	1	2	3	4

RELIGIÃO

1. Professa alguma religião? Sim
Não

1.1. Se sim, qual? _____

1.2. Qual o grau de crença na sua religião? (marque o número mais adequado)

- Muito pouco 1 2 3 4 5 6 7 MUITÍSSIMO
- 1.3 Qual o grau em que se considera ser praticante? (marque o número mais adequado)
- Muito pouco 1 2 3 4 5 6 7 MUITÍSSIMO

QUESTÕES RELACIONAIS

A maioria das pessoas tem discordâncias nos seus relacionamentos. Por favor, para cada um dos itens da seguinte lista indique o grau aproximado de concordância ou discordância entre si e a/o sua/seu parceira/o:

	Concordo sempre	Concordo quase sempre	Discordo ocasionalmente	Discordo frequentemente	Discordo quase sempre	Discordo sempre
1. Filosofia de vida	5	4	3	2	1	0
2. Aspirações, objetivos e assuntos considerados importantes	5	4	3	2	1	0
3. Tempo passado em conjunto	5	4	3	2	1	0

Com que frequência diria que as seguintes situações ocorrem entre si e a/o sua/seu parceira/o:

	Nunca	Menos de uma vez/mês	Uma ou duas vezes/mês	Uma duas vezes/semana	Uma vez por dia	Mais de uma vez por dia
4. Ter uma estimulante troca de ideias	0	1	2	3	4	5
5. Discutir calmamente um assunto	0	1	2	3	4	5
6. Trabalhar em conjunto num projeto	0	1	2	3	4	5

7. O ponto "feliz" representa o grau de felicidade da maioria das relações. Por favor selecione a resposta que melhor descreve o grau de felicidade, considerando todas as componentes da vossa relação.

0	1	2	3	4	5	6
Extremamente infeliz	Razoavelmente infeliz	Ligeiramente infeliz	Feliz	Muito feliz	Extremamente feliz	Perfeito

8. Em geral, como descreveria a sua satisfação *global* com o/a seu/sua companheiro/a? Para cada par de palavras abaixo, assinale o número que melhor descreve a sua relação como um todo.

Muito boa	1	2	3	4	5	6	7	Muito má
Muito agradável	1	2	3	4	5	6	7	Muito desagradável
Muito positiva	1	2	3	4	5	6	7	Muito negativa
Muito satisfatória	1	2	3	4	5	6	7	Muito insatisfatória
Muito importante	1	2	3	4	5	6	7	Irrelevante

8. Seguidamente encontram-se listadas algumas afirmações relativas a fantasias sexuais ou pensamentos acerca de sexo:

	Sempre	Muitas vezes	Ocasionalmente	Poucas vezes	Nunca
a) Durante a atividade sexual vêm-me à cabeça fantasias ou pensamentos sexuais					
b) Durante a masturbação vêm-me à cabeça fantasias ou pensamentos sexuais					
c) O meu envolvimento na atividade sexual aumenta com as minhas fantasias ou pensamentos sexuais					
d) O meu prazer aumenta com as minhas fantasias ou pensamentos sexuais					
e) No meu dia-a-dia, fora do contexto sexual, vêm-me à cabeça fantasias ou pensamentos sexuais					

9. Em que medida as seguintes circunstâncias caracterizam o contexto em que habitualmente tem relações sexuais com o/a seu/sua parceiro/a:

	Muitíssimo	Bastante	Moderadamente	Alguma coisa	Nada
a) Contexto apropriado					
b) Contexto com privacidade					
c) Contexto erótico					
d) Horário adequado					
e) Falta de tempo					
f) Cansaço					
g) Stress					
h) Preocupações					

10. Normalmente, quando tem relações sexuais com o/a seu/sua parceiro/a, em que medida se preocupa com as seguintes situações:

	Muitíssimo	Bastante	Moderadamente	Alguma coisa	Nada
a) Risco de gravidez não desejada					
b) Risco de doenças sexualmente transmissíveis					
c) Receio de dor ou desconforto físico					
d) Medo de perder o controlo					
e) Medo de ser abandonado e/ou rejeitado					
f) Medo de ser abusado física e/ou emocionalmente					
g) Outro(s) (por favor, descreva:)					

DESEJO SEXUAL

1. Habitualmente quem inicia a atividade sexual?

- Eu
 O/a meu/minha companheiro/a
 Ambos

Considerando a maioria dos encontros sexuais, qual a % de vezes em que inicia a atividade sexual? (assinale com um círculo ou cruz a opção que melhor corresponde à sua resposta)

0% 10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80% 90% 100%

1. Quando a atividade sexual é iniciada pelo/a seu /sua companheiro/a, habitualmente é responsivo, isto é, fica recetivo e responde sexualmente: Sim
 Não

Se sim, considerando a maioria dos encontros sexuais, qual a % de vezes em que inicia a atividade sexual? (assinale com um círculo ou cruz a opção que melhor corresponde à sua resposta)

0% 10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80% 90% 100%

3. Das situações seguintes, assinale a frequência com que cada uma delas descreve o seu desejo sexual no início da atividade sexual

	Qual a % de vezes em que isso acontece (assinale com uma cruz a opção que melhor corresponde à sua resposta)											
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%	
Ao iniciar a atividade sexual, sinto desejo (espontâneo)												
Ao iniciar a atividade sexual, não sinto desejo (espontâneo) mas o desejo surge e/ou aumenta no decorrer do encontro sexual												
Ao iniciar a atividade sexual, não sinto desejo (espontâneo) e o desejo não surge e/ou aumenta no decorrer do encontro sexual												

4. Se o seu desejo não existe ou não surge espontaneamente ao iniciar a atividade sexual (opções 2 e 3 anteriores), habitualmente faz/acontece alguma coisa que modifique a situação (no sentido de aumentar o desejo sexual?)

Sim

Não

5. Se respondeu sim, a) assinale com uma cruz a/s situação/ões que se aplica/m a si e b) indique se conduz/em ou não ao aumento do desejo

	a) Sim	b) Aumenta o desejo			
		Nunca	Raramente	A maioria das vezes	Sempre
1. Estimulação ou carícias por parte do parceiro/a					
2. Autoacarícias ou masturbação					
3. Recurso a fantasias ou pensamentos sexuais					
4. Recurso a auxiliares de prazer como vibradores					
5. Recurso a material erótico como vídeos, revistas ou outros					
6. Prestar atenção ao prazer do/a parceiro/a					
7. Prestar atenção ao que o/a parceiro/a está a fazer (comportamentos sexuais, toques, carícias, etc.)					

6. Por favor indique a probabilidade de cada um dos fatores a levar a desejar ter atividade sexual:

1. Nada provável 2. Algo provável 3. Moderadamente provável 4. Muito provável 5. Extremamente provável

	1.	2.	3.	4.	5.
1. Ter um sentimento de amor pela parceira					
2. Ter um sentimento de segurança na relação					
3. Sentir apoio e suporte da parceira					
4. a parceira faz alguma coisa especial ou amorosa					
5. Sentir a parceira comprometida					
6. a parceira mostra interesse em saber de si					
7. Falar do futuro com a parceira					
8. Sentir-se protegido pela parceira					
9. Sentir proximidade emocional com a parceira					
10. Sentir-se protetor da parceira					
11. Ver um filme erótico					
12. Ler sobre actividade sexual (por exemplo, revistas)					
13. Observar ou ouvir outras pessoas a terem sexo					
14. Conversar sobre sexo					
15. Ver um striptease					
16. Sensação de estar com erecção ou de a parceira estar "molhada" ou lubrificada					
17. Pedir ou antecipar actividade sexual					
18. Ouvir a parceira dizer-lhe que tem fantasias consigo					
19. Ter uma fantasia sexual (a dormir ou acordado)					
20. Perceber sensações genitais					
21. Ver alguém bem vestido ou "com classe"					
22. Ver ou falar com alguém poderoso					
23. Estar próximo de pessoas atraentes					
24. Ver ou falar com alguém famoso					
25. Ver um corpo bem tonificado					
26. Ver ou falar com alguém rico					
27. Observar alguém a praticar uma actividade física					
28. Ver alguém agir com confiança					
29. Ver ou falar com alguém inteligente					
30. Flertar com alguém ou alguém flertar consigo					
31. Segredar ao ouvido da parceira ou vice-versa					
32. Dançar agarrado					
33. Assistir ao pôr-do-sol					
34. Ter um jantar romântico com a parceira					
35. Ver um filme romântico					
36. Estar numa sauna					
37. Tocar no rosto ou no cabelo da parceira					
38. Dar ou receber uma massagem					
39. Rir com um parceiro romântico					
40. Sentir determinados cheiros (perfumes, cremes...)					

DESEJABILIDADE SOCIAL

V

F

1. Por vezes, quando não consigo aquilo que quero, fico com ressentimentos
2. Em algumas ocasiões, deixei de fazer determinadas coisas por pensar que não tinha capacidade para isso
3. Houve alturas em que senti vontade de me revoltar contra as pessoas com mais autoridade do que eu, apesar de saber que as mesmas estavam certas
4. Ouço sempre com atenção os outros, independentemente de com quem estou a falar
5. Lembro-me de ocasiões em que fingi estar doente para obter algo que queria
6. Houve ocasiões em que me aproveitei dos outros
7. Quando cometo um erro, estou sempre disposto a admiti-lo
8. Por vezes, tento vingar-me, em vez de perdoar e esquecer
9. Sou sempre simpático, mesmo para as pessoas que são desagradáveis
10. Nunca me aborreci quando as pessoas expressavam ideias muito diferentes das minhas
11. Houve alturas em que tive bastante inveja da boa sorte dos outros
12. Por vezes, sinto-me irritado quando as pessoas me pedem favores
13. Nunca disse nada de forma deliberada para magoar os sentimentos de outra pessoa

AUTO-ESTIMA SEXUAL

As afirmações abaixo listadas descrevem determinadas atitudes que diferentes pessoas podem ter face à sexualidade humana. Não existem respostas certas nem erradas, apenas respostas pessoais. Para cada item, é-lhe pedido que indique o seu grau de concordância, selecionando a letra correspondente à sua resposta.

Para registar as suas respostas use a seguinte escala de 5 pontos: A= Concordo; B= Concordo ligeiramente; C= Não concordo nem discordo; D= Discordo ligeiramente; E= Discordo	Concordo	Concordo ligeiramente	Não concordo nem discordo	Discordo ligeiramente	Discordo
1. Sou um bom parceiro sexual	A	B	C	D	E
2. Classifico a minha competência sexual como muito elevada	A	B	C	D	E
3. Sou melhor em sexo do que a maioria das pessoas	A	B	C	D	E
4. Por vezes tenho dúvidas acerca da minha competência sexual	A	B	C	D	E
5. Não me sinto muito confiante nos encontros sexuais	A	B	C	D	E
6. Penso em mim como sendo um parceiro sexual muito bom/a	A	B	C	D	E
7. Como parceiro sexual classificar-me-ia de forma baixa	A	B	C	D	E
8. Tenho confiança em mim como parceiro sexual	A	B	C	D	E
9. Não tenho muita confiança nas minhas competências sexuais	A	B	C	D	E
10. Por vezes duvido da minha competência sexual	A	B	C	D	E

SATISFAÇÃO SEXUAL

Na globalidade, como descreveria a sua relação sexual com o/a seu/sua companheiro/a? Para cada par de palavras abaixo assinala o número que melhor descreve a vossa relação sexual como um todo.

Muito boa	1	2	3	4	5	6	7	Muito má
Muito agradável	1	2	3	4	5	6	7	Muito desagradável
Muito positiva	1	2	3	4	5	6	7	Muito negativa
Muito satisfatória	1	2	3	4	5	6	7	Muito insatisfatória
Muito importante	1	2	3	4	5	6	7	Irrelevante

ÍNDICE INTERNACIONAL DE FUNÇÃO ERÉCTIL

Selecione a resposta que mais se adequa à sua situação tendo em conta as últimas quatro semanas

1. Com que frequência foi capaz de conseguir uma erecção durante a sua actividade sexual ?

- 0-Não tive actividade sexual
- 1-Quase nunca/nunca
- 2-Poucas vezes (muito menos de metade das vezes)
- 3-Algumas vezes (cerca de metade das vezes)
- 4-A maior parte das vezes (muito mais de metade das vezes)
- 5-Quase sempre/sempre

2. Quando teve erecções com estimulação sexual, qual a frequência em que estas erecções foram suficientemente rígidas para permitir a penetração ?

- 0-Não tive relações sexuais
- 1-Quase nunca/nunca
- 2-Poucas vezes (muito menos de metade das vezes)
- 3-Algumas vezes (cerca de metade das vezes)
- 4-A maior parte das vezes (muito mais de metade das vezes)
- 5-Quase sempre/sempre

3. Quando tentou ter relações sexuais, quantas vezes foi capaz de penetrar a sua companheira ?

- 0-Não tentei ter relações sexuais
- 1-Quase nunca/nunca
- 2-Poucas vezes (muito menos de metade das vezes)
- 3-Algumas vezes (cerca de metade das vezes)
- 4-A maior parte das vezes (muito mais de metade das vezes)
- 5-Quase sempre/sempre

4. Durante as relações sexuais, quantas vezes foi capaz de manter a sua erecção depois de ter penetrado a sua companheira ?

- 0-Não tive relações sexuais
- 1-Quase nunca/nunca
- 2-Poucas vezes (muito menos de metade das vezes)
- 3-Algumas vezes (cerca de metade das vezes)
- 4-A maior parte das vezes (muito mais de metade das vezes)
- 5-Quase sempre/sempre

5. Durante as relações sexuais, qual a dificuldade que teve para manter a sua erecção até ao fim da relação sexual ?

- 0-Não tive relações sexuais
- 1-Extrema dificuldade
- 2-Muita dificuldade
- 3-Dificuldade moderada
- 4-Ligeira dificuldade
- 5-Nenhuma dificuldade

6. Quantas vezes tentou ter relações sexuais ?

- 0-Não tentei
- 1-Uma a duas tentativas
- 2-Três a quatro tentativas
- 3-Cinco a seis tentativas
- 4-Sete a dez tentativas
- 5-Onze ou mais tentativas

7. Quando tentou ter relações sexuais, qual a frequência com que se sentiu satisfeito ?

- 0-Não tentei ter relações sexuais
- 1-Quase nunca/nunca
- 2-Poucas vezes (muito menos de metade das vezes)
- 3-Algumas vezes (cerca de metade das vezes)
- 4-A maior parte das vezes (muito mais de metade das vezes)
- 5-Quase sempre/sempre

8. Qual o grau de satisfação que teve com as suas relações sexuais ?

- 0-Não tive relações sexuais
- 1-Nenhuma satisfação
- 2-Pouca satisfação
- 3-Satisfação moderada
- 4-Grande satisfação
- 5-Muito grande satisfação

9. Quando teve estimulação sexual ou relações sexuais, com que frequência ejaculou ?

- 0-Não tive estimulação/relações sexuais
- 1-Quase nunca/nunca
- 2-Poucas vezes (muito menos de metade das vezes)
- 3-Algumas vezes (cerca de metade das vezes)
- 4-A maior parte das vezes (muito mais de metade das vezes)
- 5-Quase sempre/sempre

10. Quando teve estimulação sexual ou relações sexuais, com que frequência teve a sensação de orgasmo ou climax ?

- 0-Não tive estimulação/relações sexuais
- 1-Quase nunca/nunca
- 2-Poucas vezes (muito menos de metade das vezes)
- 3-Algumas vezes (cerca de metade das vezes)
- 4-A maior parte das vezes (muito mais de metade das vezes)
- 5-Quase sempre/sempre

11. Com que frequência sentiu desejo sexual ?

- 1-Quase nunca/nunca
- 2-Poucas vezes
- 3-Algumas vezes
- 4-A maior parte das vezes
- 5-Quase sempre/sempre

12. Como classifica o seu desejo sexual ?

- 1-Muito baixo/nenhum
- 2-Baixo
- 3-Moderado
- 4-Elevado
- 5-Muito elevado

13. Qual a sua satisfação com a sua vida sexual em geral ?

- 1-Grande insatisfação
- 2-Insatisfação moderada
- 3-Igualmente satisfeito e insatisfeito
- 4-Satisfação moderada
- 5-Grande satisfação

14. Qual a sua satisfação com o relacionamento sexual com a sua parceira ?

- 1-Grande insatisfação
- 2-Insatisfação moderada
- 3-Igualmente satisfeito e insatisfeito
- 4-Satisfação moderada
- 5-Grande satisfação

15. Qual a confiança que tem em conseguir atingir e manter uma erecção ?

- 1-Muito baixa
- 2-Baixa
- 3-Moderada
- 4-Elevada
- 5-Muito elevada

16. Quando teve erecções com estimulação sexual qual o grau de dificuldade que teve para atingir o orgasmo ?

- 0-Não tive relações sexuais
- 1-Extrema dificuldade
- 2-Muita dificuldade
- 3-Dificuldade moderada
- 4-Ligeira dificuldade
- 5-Nenhuma dificuldade

17. Qual o seu nível de satisfação com a sua capacidade para atingir o orgasmo durante a actividade sexual ?

- 0-Não tive relações sexuais
- 1-Nenhuma satisfação
- 2-Pouca satisfação
- 3-Satisfação moderada
- 4-Grande satisfação
- 5-Muito grande satisfação

18. Durante as relações sexuais, com que frequência ejaculou sem o desejar, antes ou logo após a penetração ?

- 0-Não tive relações sexuais
- 1-Quase nunca/nunca
- 2-Poucas vezes (muito menos de metade das vezes)
- 3-Algumas vezes (cerca de metade das vezes)
- 4-A maior parte das vezes (muito mais de metade das vezes)
- 5-Quase sempre/sempre

19. Durante as relações sexuais qual a dificuldade que teve para controlar a sua ejaculação ?

- 0-Não tive relações sexuais
- 1-Extrema dificuldade
- 2-Muita dificuldade
- 3-Dificuldade moderada
- 4-Ligeira dificuldade
- 5-Nenhuma dificuldade

20. Qual o seu nível de satisfação com a sua capacidade para controlar a ejaculação durante a actividade sexual?

- 0-Não tive relações sexuais
- 1-Nenhuma satisfação
- 2-Pouca satisfação
- 3-Satisfação moderada
- 4-Grande satisfação
- 5-Muito grande satisfação